



# Plano Provincial de Educação

2020 - 2024

## DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS EM UMA ESCOLA EM SAÍDA!

Jean Sideley Álvares Teixeira.  
Colégio Santa Dorotéia de Belo Horizonte.

Desde 1834, a Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia sempre se deparou com momentos marcados por tempo oportuno para, através da força e vitalidade do Carisma, ser no Mundo Portas de Acesso para “sair e deixar entrar”, bem como “passar do dentro ao fora, do grande ao pequeno, da segurança à precariedade, da distância à proximidade, da ação à compaixão.”

(Doc. Cap. Geral XXI, p. 7)

A caminhada da Congregação das Dorotéias no Brasil nos aponta para este movimento, que é a dinâmica da própria Igreja: ir aos que se encontram nas periferias geográficas e existenciais, rompendo com uma atitude de autopreservação. Ser uma *Igreja em Saída!*

A produção do Plano Provincial de Educação revigora as raízes de nossa Missão Educativa e nos anima no sentido de sermos *discípulos missionários* (Doc. Aparecida, n. 276) da Pessoa de Jesus Cristo. O seguimento é fruto de uma fascinação que responde ao desejo de realização humana, ao desejo de vida plena. O discípulo é alguém apaixonado por Cristo, a quem O reconhece como Mestre que o conduz e acompanha.

Na capa deste documento, trazemos no centro um frásino frondoso a nos lembrar que esta Congregação, obra e dom de Deus para o mundo, está plantada na Igreja e deve ser “boa notícia” para as crianças, jovens e adultos que nos são confiados. Para tanto, precisamos aprender todos os dias a sermos servidores da comunhão e da cultura do encontro.

# Plano Provincial de Educação

2020-2024



Congregação das Irmãs de  
Santa Dorotéia da Frassinetti

PROVÍNCIA BRASILEIRA





*“É o tempo oportuno para que o Deus que nos chama ao impossível realize sua obra através de nós [...] (Doc. Cap. Geral XXI, p.4) reavivando a nossa identidade carismática [...] criando, no lugar onde vivemos, as condições favoráveis para que cada um possa dar vida até o fim [...] (Doc. Cap. Geral XXI, p.9)”.*

# Congregação de Santa Dorotéia do Brasil – Província Brasileira

## Comissão para a Missão e Formação de Leigos

Comissão Nacional para a Avaliação do Plano Interprovincial 2013-2018 e  
Coordenação da Elaboração do Plano Provincial 2020-2024

Marinice Souza Simon  
Maria Sileide Moreira  
Rogener Almeida S. Costa  
Walnéia Virgínia Mangueira Lima

### Comissões de Redação

#### Sistematização do Marco Situacional

Geni Amélia Nader Vasconcelos  
Jean Beatriz Fersura Wermelinger

#### Sistematização do Marco Doutrinal

Jean Sidcley Álvares Teixeira

#### Sistematização do Marco Pedagógico-Pastoral

Tatiana Bizinelli

#### Elaboração do Diagnóstico

Marciano Jorge Santana  
Marília Castro Lopes

#### Redação Final

Jean Sidcley Álvares Teixeira  
Maria Nedilza Souza Lima  
Marília Castro Lopes  
Suely Amorim Soares Lima  
Tatiana Bizinelli

# Sumário

<b>Apresentação</b>	<b>6</b>
<b>Marco Referencial</b>	<b>8</b>
1. Marco Situacional	8
2. Marco Doutrinal	20
3. Marco Pedagógico-Pastoral	26
<b>Dimensões</b>	<b>38</b>
1. Missão Educativa Profética	38
2. Administração com os Critérios da Justiça do Reino	40
3. Partilha do Carisma com os(as) Leigos(as)	41
4. Qualidade de Ensino	42
5. Comunicação	43
<b>Diagnóstico</b>	<b>45</b>
1. Da Missão Educativa Profética	46
2. Da Administração com os Critérios da Justiça do Reino	47
3. Da Partilha do Carisma com os(as) Leigos(as)	49
4. Da Qualidade de Ensino	51
5. Da Comunicação	53
<b>Ações Amplas</b>	<b>54</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>56</b>

# Apresentação

*“Este é para nós o tempo oportuno para mudar de posição, para reavivar o dom de Deus que está em nós, a nossa identidade de Doroteias. É o tempo oportuno de saborear de novo o amor de Deus que vem ao encontro da nossa vida, que se torna força e paixão para ir ao encontro dos outros e para se aproximar deles.”*

Cap. Geral XXI.

Em nosso país vivemos no meio de uma grande crise, não só econômica, financeira e social, mas também uma profunda crise de valores. Uma sociedade fundamentada na supremacia do capital, do lucro e do consumo tem os bens materiais como valores supremos e em torno desses bens se estabelecem nossas escolhas e decisões. Se o valor está no capital e no acúmulo de riquezas, valores como a honestidade, a solidariedade, a liberdade, entre outros perdem o seu sentido cedendo lugar ao fortalecimento do individualismo, comportamento baseado no interesse, no lucro fácil, na esperteza, na desonestidade e na corrupção. Parece que o bem perde a sua força.

Nesse ambiente de descrenças, os aparatos sociais que deveriam educar para um comportamento saudável já não conseguem incutir um conjunto de ideias e atitudes que orientem para o bem as nossas condutas pessoais. Família, escola, Igreja e Estado alienam-se dos seus papéis e pouco contribuem para a formação de cidadãs e cidadãos comprometidos com a mudança.

Os valores são invertidos. A violência passou a ser vista como algo normal e justificável. A corrupção tornou-se um modo de vida. De tão generalizada, revela que as pessoas dão mais valor aos interesses escusos do que à honra, à dignidade e ao respeito pelo outro.

Diante desse cenário moralmente devastador, a Educação e a Espiritualidade surgem como espaços que possibilitam a mudança, na medida em que contribuem para a formação de sujeitos conscientes e críticos de si mesmo e da sociedade onde vivem e responsáveis por construir um mundo mais digno para si e, conseqüentemente, para outros. Sendo assim, uma educação de qualidade é capaz de fomentar o combate à pobreza, de contribuir com a diminuição da violência, de despertar para o cuidado com o meio ambiente, de fortalecer a democracia, de fazer exercer com responsabilidade a cidadania, de garantir o acesso aos direitos fundamentais da pessoa, de promover a saúde física e mental, de fazer com que a pessoa seja mais feliz.

A proposta educativa fundamentada nas intuições pedagógicas de Santa Paula Frassinetti faz com que estejamos em consonância com os novos rumos da educação brasileira com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Paula foi uma mulher muito adiante de sua época, sua palavra ressoou através do tempo, e a espiritualidade sólida e exigente, na qual pautou a sua vida, agrega maior valor à nossa ação pedagógica.

O presente documento, preparado com ampla participação em nossas escolas, orientará a ação formativa de nós mesmos e de outros. Que possamos ser fiéis à missão que recebemos como educadoras e educadores e, de fato, mudemos de posição como nos pede o Capítulo Geral, reavivando cada dia o dom de Deus que há em nós, através da escuta, do acolhimento, do aprendizado contínuo, para dar vida a todos que fazem parte da nossa vida, na escola e fora dela.

Irmã Ildes Maria Lobo Mendes  
Coordenadora da Comissão Nacional de  
Missão e Formação de Leigos



## 1. Marco Situacional

A segunda metade do século XX foi marcada pela crença no futuro. Hoje, essa crença está profundamente abalada. As gerações mais jovens passaram a duvidar de que o futuro poderia ser melhor ou mesmo igual ao de seus pais. A desconfiança em relação ao sistema econômico e a descrença na capacidade de as elites políticas gerarem mudanças acentuam-se significativamente. O terrorismo, a crise financeira e a estagnação econômica impuseram uma atmosfera de incerteza e impotência. Instala-se o temor em relação ao futuro e a saudade do passado, que, vistos de modo seletivo e idealizado, substituem a esperança em novas utopias, dando lugar à retrotopia. (BAUMAN, 2017).

As mudanças significativas e profundas que marcaram as últimas décadas do século XX e as primeiras do século XXI, impulsionadas pelo processo de transformação e inovação tecnológicas, reconfiguram continuamente o processo de globalização, provocando transformações radicais que afetam a vida privada e a coletiva. A sobreposição do mercado como entidade autônoma, a reconcentração da riqueza dos países do Hemisfério Norte, determinando os critérios de regulação em termos globais, a reprodução do capital em escala mundial, intensificada pela quebra de importantes barreiras comerciais e a instabilidade e imprevisibilidade da movimentação financeira mundial são marcas da ordem econômica e política vigente. Marcas que têm promovido grande impacto nas economias locais. As ideologias neoliberais crescem e avançam pelo mundo implicando o sucateamento de direitos trabalhistas e afetando os programas sociais de amparo à pobreza.

Tal ordem mostra, em várias frentes, sinais de crise, abalando estruturas consideradas, até então, de uma solidez inatingível, causando perplexidades e intensificando os debates sobre os rumos do mundo contemporâneo. A competição entre países e regiões acirra-se, agudizam-se as disparidades regionais, e a geração de riqueza concentra-se, tornando mais evidentes as desigualdades sociais.

Em meio a guerras, perseguições políticas, étnicas ou culturais, desastres ambientais, busca de trabalho e de estudos, o fluxo migratório é parte das estratégias de sobrevivência da população. Nesse cenário, observa-se a situação de vulnerabilidade de crescente volume de migrantes, resultante da precariedade e do oportunismo dos traslados, do subemprego, da desigualdade de direitos, do recrudescimento de reações de xenofobia, de intolerância, de discriminação e de conflito.

Os movimentos migratórios veiculam novos conteúdos e outros modos de agir, colocando em xeque as racionalidades políticas e a ordem instituída das identidades. Tal realidade gera sofrimento e questionamentos que demandam a adoção de políticas internacionais e internas capazes de acolhimento que contemplem as partes

envolvidas e colaborem para um mundo mais hospitaleiro e sensível à dignidade humana e à cidadania. A racionalização econômica alcança níveis inimagináveis e as relações internacionais são reconfiguradas. O tratamento do capital como um fim em si mesmo, a redução da soberania dos Estados Nacionais e de seu poder na gestão das políticas públicas e dos direitos sociais conquistados são outras tantas questões colocadas nesse quadro.

O mundo do trabalho experimenta mudanças inquietantes, em boa medida propiciadas por novas tecnologias, sobretudo as derivadas do campo da Tecnologia da Informação, que são poupadoras de mão de obra e que propiciam, mais do que nunca, poder e controle sobre o processo produtivo, inclusive sobre a mão de obra remanescente, tida como mais qualificada ou ainda não passível de substituição. Uma “Quarta Revolução Industrial” tem transformado os setores produtivos de forma acelerada; essas novas tecnologias têm tornado possível o acirramento da competição capitalista porque oferecem meios, antes inexistentes ou limitados, de elevar a produtividade em busca de maiores lucros e de aumento dos níveis de consumo.

Nesse contexto, o desemprego adquire caráter estrutural: a robotização dos setores de produção, por exemplo, contribui para que o emprego regular torne-se mais escasso, o que tem conduzido o mercado de trabalho a adquirir outro perfil, no qual o emprego temporário e a terceirização tornam-se dominantes. Certo equilíbrio de forças nas relações entre capital e trabalho, materializado na legislação trabalhista conquistada ao longo dos séculos XIX e XX, está desfazendo-se.

As conquistas trabalhistas sofrem duros golpes, através de sucessivas legislações que fragilizam o poder sindical com consequências dramáticas na vida dos trabalhadores. Surge nesse cenário, o precariado, categoria apresentada por BAUMAN (2017) para retratar os sentimentos de incerteza e de insegurança que assolam o trabalhador de nosso tempo. A produção concentra-se e intensifica-se em unidades menores; ocorre uma nova divisão internacional do trabalho, marcada pela dispersão geográfica da produção ou das forças produtivas e pela superexploração da força de trabalho. Como consequência, as forças e as capacidades dos trabalhadores são sugadas. Seu tempo de lazer, de descanso, de espiritualidade é vilipendiado, fragilizando a sua saúde. (GIFTED, 2016).

Esse quadro vem redefinindo padrões e exigências para o ingresso no mercado de trabalho. Crescem os investimentos em práticas inovadoras e o empreendedorismo vem sendo apresentado não só como alternativa ao emprego regular formal, mas como forma de trabalho que permite maior autonomia, criatividade e possibilidade de desenvolvimento associado aos valores pessoais dos envolvidos.

Em um cenário histórico de mudanças densas e aceleradas como o atual, as diversas esferas da existência dos sujeitos e das sociedades são também afetadas, alterando as formas de o sujeito contemporâneo pensar, agir, perceber, sentir e relacionar-se consigo e com os outros. Insegurança, ceticismo e incertezas em relação ao futuro, exclusão social, ameaças do terrorismo, devastação ambiental e banalização da vida são alguns dos desdobramentos desse processo. A transnacionalização da economia,

a multiplicação das redes de informação, o aumento do fluxo de viagens internacionais, tudo isso tem possibilitado a mundialização da cultura. Um estilo de vida cada vez mais semelhante estende-se pelo planeta, mas isso não deve ser compreendido como aniquilamento de outras especificidades culturais. Paradoxalmente, quanto mais parecidos nos tornamos, mais reforçamos nossa singularidade. Em inúmeras frentes, observa-se uma reação contra a uniformidade, um desejo de afirmação do que cada cultura tem de específico, um renascimento do regionalismo. Para além de uma mera homogeneização, esse processo oportuniza uma hibridização das culturas (MARTÍN-BARBERO, 2003) em um ritmo sem precedentes entre as sociedades. Novos signos são compartilhados e ressignificados, trazendo à cena discursos, hábitos e práticas muitas vezes inviabilizados pelo olhar do alto. (CERTEAU, 1998).

Surge, também, no cenário mundial o fenômeno das *Fake News*, notícias falsas disseminadas de forma intencional e estratégica pela internet e que, comprovadamente, influenciam a opinião pública. Mentiras e rumores espalham-se velozmente, formando um cenário propício para a criação de redes cujos integrantes confiam mais uns nos outros do que em qualquer órgão tradicional da imprensa. Novos sujeitos entram em cena no processo de formação de opinião, atuando de modo autônomo em diferentes mídias e criando uma rede de fiéis seguidores, capazes de colocar em xeque conceitos e fatos estabelecidos e naturalizados.

Noções como local e global, dentro e fora, desconhecido e familiar não podem mais ser compreendidas a partir dos cânones vigentes. Os processos de desterritorialização e reterritorialização em curso alteram o relacionamento entre cultura, produção e espaço físico, dilatando fronteiras e criando outras modalidades de vínculos. O sentimento de pertença, fundamental para a definição de uma comunidade, desencaixa-se da localização: é possível pertencer a distância. Novos modos de interação, descolados da materialidade do entorno, vão fazendo-se presentes entre os indivíduos e grupos, possibilitando que o longínquo pareça próximo e o afastamento se verifique entre vizinhos. Nesse processo, o novo vai insurgindo-se, desafiando os sujeitos para uma nova compreensão de si, dos outros e do entorno.

O imaginário está profundamente influenciado pela cultura do espetáculo produzida pela mídia que, com rapidez e abundância, faz circular, de forma muitas vezes distorcida, fatos e imagens, oriundos dos mais diversos pontos do planeta. Na cultura da visibilidade e do espetáculo generalizado, os sentidos profundos e os fundamentos parecem, com frequência, perder espaço, diante do império da imagem e dos efeitos instantâneos. O que conta é o que é projetado aos olhos e pelos olhos dos outros. A sedução da imagem é tão forte que muitas vezes sua presença passa despercebida.

Esse novo modo de compreender não apenas o eu, como o não-eu — o mundo exterior ao sujeito —, modifica os processos de subjetivação e de identidade. Troca-se o mundo real pelo virtual, o fato pelo simulacro, a história pelo instante, o território pelo dígito, a palavra pela imagem. Vive-se uma realidade fragmentada, desterritorializada, pois o espaço e o tempo fragmentam-na, e tudo dissolve-se no momento presente. (IANNI, 1999). Há um certo movimento de glorificação do passado

por certos grupos, enquanto outros optam por um apego exagerado ao presente, resultando, quer em um grupo ou em outro, em uma recusa de sonhar e investir na construção do futuro. Nesse espaço-tempo, o que é mais valioso é o “agora”, o que dá prazer, o que possibilita o máximo de experiência possível, o efêmero, o imediato, o que pode ser desfeito, na liquidez das relações. (BAUMAN, 2001). Temos a crescente ideia de vazio, a sensação de que nada tem valor.

A mudança na percepção do tempo leva à cultura do imediatismo, na qual necessidades e desejos devem ser satisfeitos na hora, no curto prazo. Há menor preocupação com projetos de vida e as relações comerciais pautam as relações interpessoais. Tudo é temporário. Empregos, relacionamentos, laços diversos tendem a permanecer em fluxo, a serem volatizados. Não se deseja mais a produção de permanências. A cultura privilegia o descartável. Nada é feito para durar. Instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções são alterados antes que tenham tempo de solidificar-se. O novo é substituído pelo próximo novo, o que é expresso nos relacionamentos, na desvalorização do idoso, no descuido com o outro.

Novas formas de interação do capital, como as biotecnologias e a medicina geram uma forma de sociabilidade – a biosociabilidade – marcada pela preocupação com o corpo. As aparências, os sinais externos, a visibilidade, as formas e as marcas corporais modelam, cada vez mais, a identidade dos sujeitos. A sensorialidade e a visibilidade instantâneas assumem grande importância, indicando certo declínio da interioridade que lastreava a conformação subjetiva moderna.

O corpo, por tanto tempo sacralizado ou mesmo ignorado, ganha novo estatuto e, muitas vezes, sob a égide da efemeridade e do consumismo, transforma-se em objeto de idolatria. A eternização da juventude transforma-se em um ideal, em um imperativo veiculado em diversas práticas e discursos sociais com tal força que, ao ultrapassar essa fase da vida, o sujeito esconda ou negue sua idade, através de produtos e serviços ofertados no mercado da moda e das mídias.

O declínio das chamadas grandes narrativas que mobilizaram a humanidade durante um longo período histórico e o enfraquecimento das agências normativas, como a religião, a família e a política, geram vazios que fazem o sujeito experimentar o desamparo e viver certos paradoxos. Por um lado, esse sujeito dispensa, muitas vezes, uma referência à força transcendente, a uma autoridade instituída, mas, por outro, torna-se dependente de modelos, contraditoriamente incapaz de realizar suas próprias escolhas, necessitando de *experts* que indiquem-lhe os caminhos a serem seguidos. Todavia, esse mesmo sujeito sente-se menos submetido a princípios e normas, autônomo para fazer suas escolhas. (BEZERRA, 2007).

Frente a um contexto de falência de instituições clássicas de participação social e política, muitas pessoas estão redefinindo sua sociabilidade e o seu protagonismo, a partir do consumo, que torna-se uma das dimensões do processo comunicacional. Através dele, os sujeitos transmitem mensagens aos grupos a que pertencem, gerando relações de solidariedade e, principalmente, de distinção, através de bens e mercadorias. É uma nova forma de exercício da cidadania. (CANCLINI, 1999).

O consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa, nessa perspectiva, passa a responder à perguntas que antes encontravam suas respostas em esferas da participação coletiva. O consumismo estimula o individualismo e a massificação que alimentam a competitividade entre as pessoas. A publicidade atua de forma agressiva e constante na criação de novas necessidades, produzindo carências e obsessões, dirigindo-se diretamente às crianças, adolescentes e jovens, que passam à condição de consumidores precoces, sem critérios e sem senso de prioridade. A fragilidade de referências institucionais, a impunidade, o apelo desenfreado ao consumo, a desigualdade social e o estímulo a práticas agressivas pelos meios de comunicação de massa contribuem para o crescimento da violência, que assume proporções impactantes.

Ao longo da História, as sociedades têm convivido com a violência, mas hoje chama atenção o fato de ela ser, com frequência, minimizada, “naturalizada” por uma cultura que a estimula e a banaliza e assim favorece sua manutenção e crescimento. A agressividade ganha estatuto de qualidade apreciada, transforma-se em virtude a ser conquistada. Os meios de comunicação de massa, produzindo a dramatização da violência e difundindo sua espetacularização, contribuem para aumentar o medo e a desconfiança da população. Os heróis são tão ou mais agressivos que os vilões; a justiça é feita com as próprias mãos e a consciência das pessoas, muitas vezes, anestesiada. Banalizada, a violência deixa de ser algo excepcional e vai sendo incorporada ao nosso cotidiano. Transformada em nicho de vendas de jornais, revistas e programação televisiva, a cultura da violência representa novas fontes de lucro.

A violência cresce entre as nações e no interior de cada sociedade, em especial nos países pobres, onde a sensação de abandono, de insegurança e de descrença nos poderes públicos apresenta-se de modo mais acentuado e revela mais uma face cruel da desigualdade social. No Brasil, caracterizado por séculos de autoritarismo e exclusão, o modelo neoliberal, hegemônico na sociedade globalizada, aprofunda as diferenças regionais, relegando grande parte da população à instabilidade ou à miséria permanente, gerando insegurança e pânico que acabam por desenvolver a cultura do medo na arquitetura das cidades e no *modus vivendi* das pessoas.

A maioria dos encarcerados é constituída pela população mais pobre, indefesa e desassistida pelo Estado. Ganha visibilidade o crescimento da violência contra a mulher e a gravidade do feminicídio em nosso país. A violência típica das grandes cidades também estende-se ao interior do país mostrando ainda a expansão e o poder do crime organizado.

Diferenças de gênero, de idade e de etnia são fontes de desigualdade e alvo de discriminações e estereótipos. A negação da alteridade gera práticas intolerantes, arrogantes e autoritárias e serve de mote para múltiplos modos de violência.

O cenário mundial é marcado pela intolerância religiosa, cultural, étnica entre outras, induzindo ao estímulo dos conflitos xenofóbicos, especialmente naqueles países que sofrem com a atual crise do sistema, onde o imigrante é considerado, muitas vezes, o responsável pelo desemprego e pelos custos desnecessários dos governos.

Avanço de ideologias fascistas criam inimigos comuns a serem combatidos e diminuídos em seus direitos: refugiados, imigrantes, LGBTs, mulheres, negros etc. Minorias vitimadas por ataques extremistas, gerados pela perda da hegemonia de grupos socialmente progressistas no mundo e no Brasil. Cresce a eclosão de discursos radicais, de lideranças políticas de extrema direita que perseguem também a escola e os educadores, vistos como doutrinadores e transmissores de ideias subversivas.

Esse movimento ganha visibilidade nas redes sociais, que tornaram-se, nos últimos tempos, espaços de difusão da intolerância conservadora, numa polarização em que o diálogo é substituído pela cultura do ódio. Os estratégicos ataques às conquistas sociais e aos direitos humanos compõem, na atual conjuntura, um quadro de retrocesso político de dimensões inigualáveis, se comparados a períodos históricos anteriores, que pareciam encaminhar-se à superação de situações opressoras, forjadas por séculos de escravidão, de patrimonialismo e de relações sociais capitalistas altamente excludentes e autoritárias.

O conservadorismo que atravessa inúmeras instituições e instâncias da vida social também manifesta-se em segmentos da Igreja Católica. O Papa Francisco, uma das poucas figuras públicas de reconhecida liderança na atualidade, tem empreendido uma grande luta para instalar um diálogo capaz de enfrentar os desafios trazidos pela contemporaneidade e para apresentar um Cristo encarnado, solidário, humano, próximo. Com esse propósito, o Papa Francisco vem enfrentando, com coragem e determinação, a oposição que suas propostas encontram entre lideranças políticas e eclesiásticas.

Avanços na biotecnologia, gerando aumento significativo da longevidade, colocam em xeque crenças e percepções relativas à vida e à morte, à reprodução e ao envelhecimento, à saúde e à doença. Se, por um lado, a biotecnologia possibilita contribuições fantásticas para melhoria de vida, por outro, levanta questões perturbadoras relativas às implicações éticas, legais e sociais trazidas pelo seu desenvolvimento, desafiando o homem a assumir a responsabilidade pelos efeitos de suas ações, como em relação às questões ambientais, à manipulação genética entre outras.

É nesse contexto socioeconômico, científico e cultural que recoloca-se o problema do sentido da vida humana e da religião. Diante da pergunta que o ser humano formula para si mesmo sobre o sentido da vida, o sujeito contemporâneo, confuso frente a tantas mudanças, busca avidamente uma crença que permita-lhe uma visão mais coerente e significativa do mundo.

A sociedade mostra-se perplexa, em uma busca acelerada de algo que parece estar perdido: uma sede de paz, de equilíbrio, de referenciais, de valores cristãos, de amor fraterno, favorecendo a adesão a novas seitas, a novas alternativas na busca do sagrado. Há indícios porém de que muitos grupos não estão conseguindo encontrar o que buscam nas igrejas tradicionais. Em função do sucesso das igrejas não ortodoxas, as tradicionais têm enfrentado novas provocações e buscado renovar suas práticas, objetivando reconquistar os seus seguidores.

A família, espaço de aportes materiais e afetivos na formação do sujeito, passa por

inúmeras transformações, que ganham cada vez maior visibilidade, trazendo novos questionamentos e demandas para a convivência em coletividade. O maior nível de escolarização das mulheres, a sua afirmação no espaço público de trabalho, as mudanças que desatrelam a sua vida e sua sexualidade à maternidade afetaram o mundo subjetivo feminino. Em decorrência desses fatores, emergem conflitos e desafios na complexa engenharia familiar para conciliar os papéis de trabalhadora, esposa e mãe. O papel do homem foi redesenhado, e a ele conferidas novas funções no âmbito doméstico. O relacionamento entre pais e filhos vem sofrendo profundas modificações. A reconfiguração da estrutura familiar tem gerado dúvidas, sentimento de culpa e de inadequação do desempenho dos novos papéis que são confrontados com aqueles anteriormente consagrados.

A família assume um caráter de desinstitucionalização, porém, tais mudanças podem contribuir para “tornar fracas as redes de solidariedade familiar, mais frágeis os vínculos de pertença recíproca [...] menos importantes as relações de parentesco”. (PETRINI, 2007, p. 216). Assim, o “polo da integração”, existente nas famílias “tradicionais”, é substituído nas formas familiares modernas pelo “polo da autoafirmação” e de uma cultura do individualismo. Observa-se, com frequência, o fenômeno denominado “privação paterna”. Os filhos não escolhem mais os pais como modelos. São esses que identificam-se com os filhos. Como consequência, os filhos não sabem a quem dirigir-se e a quem procurar em sua busca de identidade, autonomia e aquisição de conhecimento. (KATZ e COSTA, 1996).

Em função da perda ou da fragilidade de referenciais familiares, crianças e jovens apresentam, muitas vezes, forte sentimento de desamparo. Isso decorre da ausência de participação de muitos pais na vida dos filhos, das relações permissivas e compensatórias instauradas nas famílias. Soma-se a isso a incapacidade de adaptação às novas situações e aos desafios cotidianos, levando o jovem a sentir-se cada vez mais fragilizado, mergulhado em vazios existenciais e patologias psicológicas diversas. Os casos de suicídio e de automutilação nesse grupo vêm constituindo um movimento de alerta e de busca de prevenção, envolvendo escola e família e exigindo ações efetivas de informação, educação e acompanhamento atento.

Os desafios trazidos pelas questões que interpelam-nos na sociedade contemporânea colocam em xeque o modo de pensar hegemônico, herdado da modernidade. Por esse modo de pensar, o homem foi separado da natureza, dos outros e de si mesmo, o que produziu um modelo de desenvolvimento unilateral e construiu uma racionalidade fria e indiferente, marcada por práticas predatórias. A crença antropocêntrica, aliada à ilusão da inesgotabilidade dos recursos da Terra, à mentalidade belicista e à busca do progresso em forma de riqueza e bem-estar gerou uma separação entre natureza e sociedade.

Vários fatores históricos, sociais e científicos têm colaborado para o despertar da consciência humana face à devastação da Terra, favorecendo o surgimento de uma “ética ecológica”. A exploração da natureza chegou a um limite intolerável, trazendo, entre suas consequências, catástrofes naturais de grandes proporções, atingindo to-

dos os países de uma forma direta ou indireta. O aquecimento global é uma questão preocupante. Seu controle exige medidas urgentes de respeito à natureza e suas relações. (Unesco-2007). O mundo desenvolvido muitas vezes nega-se a participar de tratados que possam contribuir para a preservação da vida no planeta. Outras vezes, os tratados assinados não desencadeiam as ações necessárias.

Em 2012, após duas décadas, o Brasil voltou a sediar a Conferência das Nações Unidas (ONU) sobre Desenvolvimento Sustentável, realizada no Rio de Janeiro, ampliando o debate para além das questões puramente ambientais, ainda que muitos dos compromissos assumidos na ocasião não tenham sido cumpridos até os dias atuais. Ao tratar da sustentabilidade, incluiu soluções para a construção de um mundo socialmente mais justo, economicamente mais próspero e ambientalmente sustentável.

O aquecimento global, as sérias mudanças climáticas, a poluição dos oceanos, as catástrofes ambientais são sinais fortes e persistentes de que as relações entre o homem e a natureza precisam ser redimensionadas. A Carta Encíclica *Laudato Si*, do Papa Francisco (2015) é um marco no clamor pelo cuidado com a *Casa Comum*.

Há que se considerar ainda a cultura da corrupção cada vez mais explícita, agressiva, alimentadora de uma moralidade elástica. Em uma sociedade em que o outro é entendido como rival e não como companheiro, referenciais éticos vão perdendo sua força. A esperteza torna-se padrão de conduta desejável. A corrupção e a impunidade marcam as ações políticas, comprometendo o papel do Estado como promotor do bem comum e guardião dos direitos inalienáveis do homem.

Um discurso desmoralizante transforma a lei em convencionalismo e introduz-se no lugar da indignação. Entra em vigor uma razão cínica. É todo um universo simbólico que desmorona. Cresce a sensação de que nada tem valor, de que dificilmente os sujeitos são responsabilizados por seus atos. (FREIRE COSTA, 1988). Todas as esferas do Estado brasileiro foram explicitamente comprometidas com a corrupção. Nos três poderes da República foram confirmados vários esquemas de corrupção, revelando que o modelo de Estado vigente tem essa prática em sua estrutura.

Muitos problemas ainda precisam ser superados em nosso país, como a erradicação da miséria, a eliminação da corrupção na política e a inibição de qualquer forma de preconceito e discriminação. Nas últimas décadas, o país vivenciou experiências importantes que, através de movimentos sociais, conflitos, composição e reorganização de interesses, vinham fortalecendo os mecanismos de participação dos cidadãos brasileiros na vida nacional e implementando políticas públicas voltadas para as camadas mais desfavorecidas da população. Entretanto, com a instalação do novo governo brasileiro, passam a ocupar a cena propostas que vão em direção contrária, indicando o declínio de conquistas e avanços sociais anteriormente estabelecidos. Direitos conquistados pelas minorias encontram-se ameaçados por grupos que não acolhem a diferença, especialmente às relativas ao gênero e à ideologia política.

O contexto contemporâneo revela situações verdadeiras, duras, desafiadoras, aviltantes à dignidade humana e colocam em risco a própria continuidade da vida no planeta. Entretanto, o cenário contemporâneo não se reduz a isso. É preciso consi-

derar, ainda, as contradições, as brechas e as microdiferenças, que o paradigma da complexidade permite-nos vislumbrar e que precisam ser pontuadas.

A globalização não necessita ocorrer atrelada ao modelo neoliberal. É possível pensá-la como parte de um processo de religação, de reinvenção das relações dos homens entre si e com o cosmo, em um modelo de mundo solidário. A humanidade vê-se desafiada, em nossos tempos, por uma nova realidade histórica. Há que se optar entre deixar-se massacrar pelas desigualdades ou escolher e lutar por uma ética que contemple o novo cenário globalizado, viabilizando, na rudeza da História, o encontro universal da humanidade com uma ética que supere o egocentrismo utilitário, próprio da mentalidade mercantilista hegemônica que se contrapõe aos valores humanos e evangélicos do dom de si e do amor partilhado. Uma ética assim concebida pode fazer emergir as melhores possibilidades da globalização, tornando o mundo um lugar de misericórdia e de acolhimento para todos.

A crise ambiental, que assusta-nos e constitui uma enorme ameaça à vida, nos impõe a construção da consciência planetária e exige a adoção de novas práticas sensíveis à noção de que tudo está interligado, tornando o cuidado com todas as formas de vida uma urgência que não pode ser postergada.

Novas formas de solidariedade emergem no mundo, na contracorrente do individualismo reinante, através de ações da Igreja, da Comissão Nacional de Direitos Humanos, de ONGs e de outras associações que universalizam questões regionais e nacionais, ampliando o fórum de sua discussão e aumentando as pressões para o seu equacionamento. Novos atores afirmam-se na sociedade como cidadãos protagonistas de um mundo novo. O povo, na sua luta pela sobrevivência, baseado na solidariedade e no voluntariado, cria alternativas para atender às próprias necessidades e às novas formas de trabalho. A sociedade civil toma iniciativas diversas contra a injustiça e a violência. Famílias, “fonte de esperança para o futuro da humanidade”, reúnem-se e articulam-se para garantir a educação dos filhos e reivindicar políticas sociais específicas. Práticas de economia solidária emergem em várias frentes, apontando outros modos de sustentabilidade e de relacionamentos.

Se, por um lado, o avanço dos meios de comunicação e das novas tecnologias fez recrudescer o individualismo, por outro, reconfigurou as noções de tempo e espaço, criando condições estruturais para novas convergências e aproximações. O caráter multicultural da sociedade ganha maior visibilidade, colocando em discussão as relações de poder que o encobrem.

Em meio a ações diversas, nas quais novos sujeitos fazem notar sua presença na cena social, vai processando-se a luta de grupos, articulados nacional e internacionalmente, por um mundo em que a diferença não seja vivida como hierarquia, por um mundo em que todos os mundos tenham seu lugar. Nesse sentido, políticas de ações afirmativas vêm sendo desenvolvidas em várias frentes e os seus desdobramentos têm sido alvo de debates e avaliações contínuas. Cresce a consciência de que a democracia não esgota-se com a possibilidade de votar e de delegar iniciativas e decisões aos políticos e aos responsáveis pela gestão do Estado. Implica, todavia, a

participação, na vigilância contínua dos direitos conquistados, na corresponsabilidade e no engajamento nas ações transformadoras, decorrentes da cidadania plena.

A Proposta do Relatório de 2010 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) é investir em pessoas, o chamado capital humano. Ou seja, faz-se necessário superar a visão reducionista de preparar o indivíduo apenas para o mercado. Enfatizam-se questões mais amplas referentes à saúde, à renda, à educação, capazes de tornar as pessoas mais aptas e participativas em decisões importantes nas políticas públicas. Segundo o relatório mencionado, em termos de desenvolvimento humano, metade da humanidade. Ainda que mundialmente, nos últimos vinte e cinco anos, tenham-se dado avanços importantes, os ganhos não têm sido universais. Mulheres, grupos étnicos e raciais, populações rurais e cidadãos de alguns países não têm conseguido beneficiar-se desses avanços.

O PNUD (2016) aponta as razões pelas quais alguns grupos foram deixados para trás no processo de desenvolvimento humano – indica que para reverter esse quadro, é preciso a adoção de medidas como piso de proteção social, políticas de ação afirmativa, desenvolvimento humano sustentável, além de participação e de autonomia dos excluídos. O movimento da inclusão, ainda que tenha muito a avançar, já apresenta resultados positivos em diversos setores da vida social. Na base desse movimento, está o desejo de construir uma sociedade realmente para todos, sob a inspiração dos princípios de direito à diferença, de pertença identitária, de solidariedade e de cidadania. Constata-se, também, movimentos crescentes de busca de uma vida mais saudável, com consumo de produtos orgânicos, alimentação equilibrada e hábitos como a prática regular de esportes ou atividade física.

Na contemporaneidade, reacende-se, com novo vigor, a luta em favor da cultura de paz. Valendo-se de mecanismos pautados no diálogo, nas negociações e respeitando o outro como parceiro legítimo na interlocução, essa luta, ainda que tímida, ecoa através de gritos e vozes de protesto em todo o mundo, exigindo novos paradigmas de convivência entre os povos. Nesse cenário, a educação é um eixo-chave do processo de desenvolvimento. O direito a ela foi reconhecido ao longo do tempo nos principais tratados, pactos e acordos mundiais e regionais com os quais os países comprometem-se e os ratificam constitucionalmente.

As últimas décadas foram pródigas em desenvolvimentos educacionais. Os avanços da psicologia cognitiva, das ciências computacionais, das tecnologias da comunicação, da neurociência, da genética, da reflexão filosófica e das perspectivas críticas dos sistemas sociais, entre outros, têm impactado a educação e, consequentemente, a pedagogia e a didática. Novos paradigmas educacionais têm surgido e, sem dúvida, inspiram, consciente ou inconscientemente, explícita ou implicitamente, os processos educacionais que adotamos, bem como as políticas educacionais propostas pelo governo e a sua aplicabilidade nas escolas.

Na sociedade do conhecimento, a educação, especialmente a educação escolar, é chamada a repensar seu papel, seus processos, seus métodos e seus objetivos, pois a velocidade em que se dá a produção e a divulgação do conhecimento faz com que

a escola transmissora de informações torne-se anacrônica e obsoleta. As tecnologias digitais são diversificadas e apresentam-se como alternativas metodológicas ao modelo tradicional de ensino, pois oferecem interatividade, dinamismo, autoria e versatilidade, tanto presencial quanto virtualmente. A defasagem das escolas em relação às inovações tecnológicas favorece o desinteresse dos alunos pela aprendizagem escolar e exigem das escolas e dos educadores a ampliação dos usos de recursos digitais. Currículos articulados, projetos que estimulem a inovação e a capacitação científica tornam-se, assim, demandas dos sujeitos e exigências da sociedade contemporânea.

As transformações decorrentes do advento da internet e das redes sociais têm impactado significativamente o cotidiano da sociedade, especialmente, o das crianças e dos jovens. Além de propiciar intercâmbios afetivos e culturais construtivos e enriquecedores, as novas tecnologias também estimulam a “espetacularização de si mesmo”, o anonimato e a permissividade para acesso aos conteúdos potencialmente perigosos e às manifestações discriminatórias e destrutivas, exigem, também, das escolas práticas preventivas que combatam tais ações. Cabe à escola investir cada vez mais em orientações para que o aluno saiba o que fazer com tanta informação, como estabelecer seu foco, despertar o senso crítico ao fazer escolhas e priorizar o conhecimento.

Uma das principais transformações que afetaram o campo educativo nos últimos decênios foi a monopolização progressiva pela ideologia neoliberal do discurso e da dinâmica reformadora. O modelo escolar neoliberal considera a educação como um bem essencialmente privado e cujo valor é, antes de tudo, econômico, gerando assim um esvaziamento do papel do Estado em oferecer acesso e garantir a permanência à educação de qualidade, indistintamente, a todos. Na nova ordem educativa, o sistema está a serviço da competitividade econômica, estruturado como um mercado e gerido ao modo das empresas. As reformas propostas por esse sistema apresentam-se na contramão da educação integral capaz de contemplar as múltiplas dimensões do homem e colaborar efetivamente para a sua humanização.

Esse é o maior desafio da Escola Contemporânea e da Escola Doroteana, marcadas pelas incertezas e incoerências que a sociedade vive, por causa da fragilidade das relações baseadas na satisfação ética dos indivíduos. “A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito, corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida”. (DELLORS, 2005, p. 99). Faz-se necessário educar de forma comprometida com o futuro das novas gerações, tornando os currículos escolares mais alinhados à complexidade da vida e à sua sustentabilidade. Nessa perspectiva, as instituições de educação são convocadas a incluir em seus projetos questões como a desigualdade social, a má utilização dos recursos naturais e públicos, a formação da consciência planetária, a biodiversidade e a ética. Todo esse debate traz implicações para a educação brasileira e, especialmente, para as escolas católicas.

Na realidade educacional brasileira, embora ainda existam muitas questões a serem equacionadas para que tenha-se uma educação de qualidade para todos, observam-se iniciativas referentes à democratização do acesso à escola e à adoção de medidas inibidoras da evasão escolar e motivadoras do comprometimento das famílias com a escolaridade de seus filhos.

Identificam-se também, no cotidiano escolar, práticas emancipatórias, levadas a cabo por diversos protagonistas – professores, alunos, diretores, coordenadores e funcionários – engajados na luta por mudar o mundo, dando-lhe um rosto fraterno. Cresce o entendimento de que a razão, por si só, não permite o enfrentamento de problemas que nos ameaçam e atingem. A compreensão da interdependência, da conectividade entre os fenômenos, a valorização do emocional, do intuitivo e de outros saberes marginalizados pelo modelo cartesiano fazem parte de uma ruptura paradigmática em curso. (MORIN, 2000; MATURAMA, 1999). Uma ruptura promissora, mais sensível à vida e às suas manifestações. Uma ruptura que nos convida a perceber a inseparabilidade entre conhecer, ser, praticar, sentir e viver.

Ao desenhar-se esse mapa da realidade atual – incompleto e provisório – não pretende-se negar, omitir ou mesmo minimizar os problemas da contemporaneidade. Significa, antes, entendermos que não estamos definitivamente aprisionados. A História não acabou. Ela continua aberta à ação concreta dos sujeitos que a fazem real, exigindo que aliemo-nos, cada vez mais, aos movimentos de luta em favor de uma vida plena para todos.

Com promessas de mudanças significativas no modo de fazer a escola, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) surge no cenário educacional com o propósito de reduzir as desigualdades de aprendizado, estabelecendo as habilidades e competências fundamentais em cada etapa da educação básica através da obrigatoriedade de seu cumprimento. A BNCC tem provocado grandes debates e ferrenhas críticas em um momento social marcado pela desconfiança, pelo descrédito nos poderes instituídos e pelo descaso aos apelos dos movimentos dos educadores e da produção acadêmica específica.

É diante desse cenário nacional e internacional que propomo-nos a pensar, como Congregação Doroteana do Brasil, neste Plano Provincial, um modelo de educação que contribua para a construção de um mundo mais justo, inclusivo e solidário. A Escola Doroteana, como instituição histórica, é atravessada pelas marcas do tempo e do espaço nos quais situa-se e é por elas interpelada. Os novos desafios da tecnologia, os problemas ambientais, as novas configurações do mercado de trabalho, o desemprego estrutural e as novas realidades das famílias brasileiras são algumas das questões que provocam-nos e estão a exigir-nos respostas urgentes e ousadas. Há que buscar-se valores e referenciais pautados na ética e na moral, reforçando a espiritualidade e tornando o exemplo de Paula vivo e norteador dos educandos e dos educadores, em uma sociedade fundamentalmente desencantada. A escola católica precisa encontrar caminhos para fazer eco ao imperativo cristológico: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”. (Jo 10,10).

## 2. Marco Doutrinal

No ano de 2015, reunidas no Capítulo Geral XXI, as Irmãs Doroteias delinearam as Linhas Orientadoras para o próximo sexênio da Caminhada Evangelizadora da Congregação. Estas linhas foram propostas como forma de reforçar e dar um relevo à identidade carismática da Congregação, criando espaços e oportunidades para acolher o dom de Deus.

As Linhas Orientadoras foram demarcadas por verbos. Partindo de uma reflexão da Linguística e também da Semiótica ou da Filosofia da Linguagem, podemos assinalar que o verbo é o elemento que, dentro de uma frase (ou oração), permite àquele que fala ou escreve situar eventos no tempo com relação ao momento em que seu discurso está sendo produzido. De uma maneira geral, verbos exprimem ações, mas muitos deles também permitem manifestar sentimentos, sensações, estados e fenômenos naturais. É próprio de um verbo evocar um processo, isto é, o desenrolar de eventos para os quais podemos identificar seu início e fim.

O início de nossa Caminhada (Verbo, Ação) Evangelizadora liga-se à experiência de Paula Frassinetti no alto do Monte Moro com as suas amigas. O Capítulo Geral XXI exorta-nos: “É tempo oportuno para criar laços de amizade dentro e fora da Comunidade; amigas e amigos, como Paula o foi com as suas companheiras desde o Monte Moro até o fim de sua vida, amigas e amigos capazes de relações que põem no centro a pessoa com a sua história, os seus recursos, as suas fragilidades e o seu desejo de Deus.” (Doc. Cap. Geral XXI, p. 3).

Os verbos das Linhas Orientadoras do Capítulo Geral XXI apontam-nos para as ações, os sentimentos e as sensações que devem permear a Caminhada Evangelizadora das Doroteias ao Jeito de Paula:

*“Para reavivar o Dom de Deus que há em nós, pedimos a graça de:*

***DAR*** vida até o fim;

***ESCUTAR*** o grito de homens e mulheres do nosso tempo, através de uma atitude constante de discernimento pessoal e comunitário;

***ESCOLHER*** estar e caminhar no meio do Povo;

***APRENDER*** o estilo pascal do Senhor Jesus Cristo;

***PASSAR*** do dentro ao fora, do grande ao pequeno, da segurança à precariedade, da distância à proximidade, da ação à compaixão;

***CONSTRUIR*** comunidades abertas para sair e deixar entrar;

*Para que a ternura do rosto de Deus se torne presente e visível à humanidade.”*

Doc. Cap. Geral XXI, p. 7.

O reavivamento do Dom de Deus na Educação Doroteana leva-nos a incorporar estes verbos em nossa práxis cotidiana. “Pela nossa vocação na Igreja, somos enviados a evangelizar através da Educação... Educar para nós significa deixar-nos possuir pela Pedagogia do Evangelho”. (Const. Art.26).

Refletindo sobre os cinquenta anos da Declaração *Gravissimum Educationis* e os vinte e cinco anos da Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*, bem como referendando o *Instrumentum laboris Educar hoje e amanhã, Uma paixão que se renova*, o Papa Francisco, no mesmo ano em que as Doroteias realizavam o seu XXI Capítulo Geral, salientou três pontos imprescindíveis que devem fazer parte dos fundamentos de uma Escola Católica Evangelizadora. Antes de mais nada, o Papa afirmou que a Educação Católica é um dos desafios mais importantes da Igreja, empenhada hoje em realizar a nova evangelização em um contexto histórico e cultural em constante transformação.

Para ser evangelizadora, a Escola Católica precisa cuidar de três aspectos fundamentais: o primeiro aspecto diz respeito ao **valor do diálogo na educação**. As escolas católicas são frequentadas por muitos estudantes não cristãos ou mesmo os não crentes. As instituições educativas católicas oferecem para todos uma proposta educativa que visa o desenvolvimento integral da pessoa e que responde ao direito de todos a ter acesso ao saber e ao conhecimento. Mas também são chamadas a oferecer a todos, com pleno respeito à liberdade de cada indivíduo e aos métodos próprios do ambiente escolar, a proposta cristã, isto é, Jesus Cristo como sentido da vida, do cosmos e da História. Jesus começou a pregar a boa nova na *Galileia dos gentios*, lugar de encontro de pessoas de diferentes raças, culturas e religiões. Este contexto é semelhante em alguns aspectos com o mundo de hoje. As profundas mudanças que levaram à disseminação sempre mais ampla de sociedades multiculturais exigem cada vez mais de quem atua no setor escolar um envolvimento em percursos educativos de confronto e de diálogo, com uma fidelidade corajosa e inovadora que saiba proporcionar o encontro da identidade católica com as diferentes “almas” da sociedade multicultural.

O segundo aspecto diz respeito à **preparação qualificada dos educadores**. Não se pode improvisar. Temos que fazer com seriedade. A educação é destinada a uma geração que muda, e que, portanto, cada educador – e toda a Igreja que é mãe educadora – é chamado a “mudar”, no sentido de saber comunicar-se com as crianças e os jovens que têm diante de si. A educação é um ato de amor, é dar vida. E o amor é exigente, pede o empenho dos melhores recursos, despertar a paixão e colocar-se a caminho junto com as crianças e jovens, com paciência. O educador nas escolas católicas deve ser, antes de tudo, muito competente, qualificado, e ao mesmo tempo rico em humanidade, capaz de estar entre as crianças e os jovens com estilo pedagógico, para promover o seu crescimento humano e espiritual.

As crianças e os jovens precisam de uma educação de qualidade juntamente com valores, não só enunciados, mas testemunhados. A coerência é um fator indispensável na educação dos jovens. Não se pode fazer crescer, não se pode educar sem

coerência e testemunho. Por isso o educador precisa, ele mesmo, de uma formação permanente. Ocorre, portanto, investir para que os professores e administradores possam manter o seu elevado profissionalismo e também a sua fé e a força de suas motivações espirituais. E mesmo nesta formação permanente, há a necessidade dos retiros e dos exercícios espirituais para os educadores. É bom fazer cursos sobre este e aquele assunto, mas é também necessário fazer cursos de exercícios espirituais, retiros, para rezar! Porque a coerência é um esforço, mas, sobretudo, é um dom e uma graça. E nós devemos pedi-la!

O terceiro aspecto diz respeito às **instituições de ensino**, ou seja, às escolas católicas. O Papa convida-nos a refletir seriamente sobre as numerosas instituições de ensino espalhadas em todo o mundo e sobre a sua responsabilidade de exprimir uma presença viva do Evangelho no campo da educação, da ciência e da cultura. É necessário que as instituições acadêmicas católicas não isolem-se do mundo, mas saibam entrar com coragem no areópago das culturas atuais e coloquem-se em diálogo, conscientes do dom que têm para oferecer.

Estas e outras considerações sobre o Capítulo Geral XXI (em suas Linhas Orientadoras) e as reflexões do Papa sobre a caminhada da Educação Católica no Mundo Atual colocam-nos em sintonia com a validade e atualidade da Educação Evangelizadora, com suavidade e firmeza, pela Via do Coração e do Amor, tal como proposta por Paula Frassinetti desde a fundação do seu Instituto. Urge a definição clara e distinta do tipo de ser humano e de sociedade que almejamos alcançar. Quem são os interlocutores de nossa proposta educativa e evangelizadora? Quais são as famílias que acolhemos em nossas escolas doroteias do Brasil? Qual é o nosso diferencial educativo e evangelizador? No que acreditamos? Quais são os nossos valores?

Para respondermos com propriedade a estas e outras questões, devemos reportar-nos à centralidade de Jesus Cristo, em sua humanidade encarnada, com o seu anúncio do Reino de Deus e sua forma peculiar e libertadora de a todos acolher. Aqui, temos em Paula Frassinetti a melhor referência de envolvimento com a pessoa de Jesus e disponibilidade para deixar ocorrer em sua vida a Vontade de Deus. Torna-se de muito bom tom neste marco doutrinal um recorte cristológico e eclesiológico para uma definição mais coerente de nosso eixo teórico e metodológico de uma práxis verdadeiramente evangelizadora na escola.

A Cristologia que alimenta-nos liga-se ao envolvimento de Paula Frassinetti com a pessoa de Jesus Cristo, iluminada pelos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. Na Espiritualidade Inaciana, a pessoa vai envolvendo-se com Jesus Cristo e discernindo através de consolações, desolações e do ordenamento das próprias afeições a Vontade de Deus para a sua vida. Na Escola Doroteia, através da Pedagogia do Evangelho, cada estudante deve “se descobrir amado por Deus, deve acreditar neste amor e crescer até a plenitude da maturidade em Cristo”. (Doc. Educar para Nós, p. 8).

Na construção do Projeto Pedagógico da Escola Doroteia, a questão do Currículo Evangelizador é uma condição inegociável. O Projeto de Formação da Pessoa que intenciona-se integral dentro da Escola Doroteia tem na pessoa de Jesus a melhor

referência antropológica. O nosso estudante tem sede e necessita viver uma experiência nova de Jesus, reavivando a sua relação com Ele. Colocá-Lo decididamente no centro de sua vida. Passar de um Jesus confessado de forma rotineira para um Jesus recebido vitalmente. É importante, também, sentir-se chamado por Jesus. Deixar-se atrair por Ele. Descobrir pouco a pouco, e cada vez com mais alegria, que ninguém responde como Ele às nossas perguntas mais decisivas, aos nossos desejos mais profundos e às nossas necessidades últimas. É decisivo “seguir” Jesus.

A fé cristã não consiste em acreditar em coisas sobre Jesus, mas em acreditar Nele: em viver confiando na Sua pessoa; em inspirar-se no Seu estilo de vida para orientar a nossa própria existência com lucidez e responsabilidade. É vital caminhar tendo Jesus “diante de nós”. Não fazer o percurso da nossa vida em solidão. Experimentar em algum momento, ainda que desajeitadamente, que é possível viver a vida desde a sua raiz: desde esse Deus que se nos oferece em Jesus, mais humano, mais amigo, mas próximo e salvador que todas as nossas teorias.

A partir de tais considerações cristológicas, é de suma importância um posicionamento e recorte eclesiológico que identifique-nos como Igreja a caminho. Para sermos evangelizadores neste nosso tempo, precisamos embrenhar-nos nas pegadas de Francisco sendo uma *Igreja em Saída*. Estamos ao lado do Papa Francisco, por uma *Igreja em Saída*, por um mundo que promova a cultura do encontro e não a rotina do descarte, por uma humanidade que acolha os mais pobres, frágeis, os sem-teto, sem-terra, sem-comida, sem-nada. Nas palavras de Francisco: “A Igreja deve sair de si mesma, rumo às periferias existenciais. Uma igreja autorreferencial prende Jesus Cristo dentro de si e não O deixa sair.”

Logo depois de eleito, o Papa Francisco assumiu o posicionamento do Papa João XXIII em 1962. Exclamou, três dias depois de eleito: “Ah! Como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres.” As mesmas palavras voltam no documento *Evangelii Gaudium* (EG), um dos primeiros por ele assinados: “uma Igreja pobre e para os pobres, uma Igreja que faz opção pelo pobre” (EG, 198). Ao longo de sucessivas falas, em diversas ocasiões, o papa vai criando um vocabulário todo próprio: “Igreja que se move, que faz opção pelos últimos, que vai à periferia, que sai de si mesma (audiência de 23/03/2013), que anda pela rua (os ‘*sacerdotes callejeros*’), Igreja inclusiva, não excludente, não autocentrada, não narcisista, que não vive para si mesma, não é cartório, Igreja inteiramente missionária (EG 34), discípula missionária (EG 40), hospital de campanha, campo de refugiados.” Ainda pode-se citar EG 195, 197, 198 ou 199.

A expressão de maior realce, dentro desse novo vocabulário, é “*Igreja em Saída*: sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo: os estilos, os horários, a linguagem, numa atitude constante de saída” (EG 26-27). *Igreja em Saída*, eis a expressão que resume o posicionamento do Papa Francisco frente à ideologia “autocentrada” que predominou na Igreja Católica durante séculos e às práticas originadas por essa ideologia.

Pelo exposto, temos aqui delineada a Visão de Ser Humano que queremos formar, tendo como referência a pessoa de Jesus. Temos ainda a visão de mundo que alme-

jamos a partir da boa notícia do Reino de Deus. O nosso jeito de evangelizar pela Educação passa, necessariamente, pela *Igreja em Saída*. Cabe-nos uma questão: Que profissionais ou Leigos Evangelizadores atendem a esta demanda? Será que temos em nossas Escolas um grupo de educadores que responda com o Coração Dilatado a esta Utopia de Educação Evangelizadora? Se não os temos, como podemos formá-los?

No Capítulo Geral XXI, na definição das Linhas Operativas para o próximo Sênio, as Irmãs Doroteias assumiram o compromisso da “Criação de uma Comissão Mista de Irmãs e Leigos para a construção de um Projeto de Formação Permanente de Leigos em Província/Área” (Doc. Cap. Geral p.13). Este itinerário definido pela Congregação liga-se à formação de um grupo coeso de Irmãs e Leigos comprometidos com a Evangelização dentro e fora das Escolas, sendo uma *Igreja em Saída*, ao jeito de Paula Frassinetti.

Sem o conhecimento, o estudo, o aprofundamento e a vivência do Carisma de Paula Frassinetti, não teremos em nossos educadores leigos e leigas a pertença necessária para a eficácia de uma educação evangelizadora. Por isso, a biografia de Paula Frassinetti, o seu rico epistolário, as Constituições de 1851, os Documentos Atuais da Congregação, bem como a convivência com as Irmãs, o vigor do Serviço de Orientação Religiosa dentro da Escola, a promoção de cursos, retiros, formações voltadas para o Carisma são elementos imprescindíveis e inegociáveis dentro da Escola Doroteia. O Carisma deve ser percebido no cotidiano da vida ordinária. Para tanto, não podemos descuidar de uma formação que seja sistematizada e organizada dentro da Escola. Há que se ter um Plano de Formação, há que se definir os responsáveis diretos por esta formação, há que se ter zelo por quem está sendo formado e excelência no que está sendo proposto aos educadores.

Evangelizar pela Educação ao Jeito de Paula, sendo uma *Igreja em Saída*, compromete todos com a dinâmica de uma Escola em Pastoral. A Pastoral Escolar tem como finalidade salvaguardar a confessionalidade da Escola Católica, ou seja, deve zelar para que a Escola Católica seja um espaço propício para que cada educando tenha um encontro com Jesus Cristo, assumindo os valores e vivências que emanam de tal relação. Para tanto, deve ser fonte que alimenta a Comunidade Educativa, de forma a garantir uma Escola em Pastoral, na qual os educadores vivenciem a mesma espiritualidade vivida e apresentada por Paula Frassinetti. Sua importância encontra espaço no desejo profundo de nossa fundadora de cumprir sua missão junto à Igreja a partir do trabalho educativo no qual educa-se não somente para ser um cidadão exemplar, mas, também, um ser humano crítico e ativo na sociedade em que está inserido, desejoso de colaborar com a construção de novas relações que serão pautadas na igualdade, na solidariedade, na justiça.

Assim, a Pastoral Escolar efetiva sua missão diante da Escola Católica possibilitando que ela seja espaço frutífero de comunhão de ideais e de vivência de uma espiritualidade centrada na mensagem de Jesus Cristo, comungando dos princípios da Igreja Católica a fim de gerar em seus educandos o compromisso com um mundo melhor, mais justo e fraterno.

O educador cristão, católico, doroteano é comprometido com a libertação de todas as formas de domínio e opressão. A vigorosa personalidade de Paula Frassinetti, fundadora da Congregação de Santa Dorotéia, marcou desde o princípio, escolhas fundamentais, expressas em gestos significativos, que levam-nos a olhar fixamente para a pessoa de Jesus, e tomá-Lo como princípio e razão do anúncio do Reino.

O Reino de Deus constrói-se na História pela ação concreta dos seres humanos. “Vai acontecendo e crescendo com vigor através de nossos gestos de libertação, através da prática do bem e da justiça. E Deus continuará agindo, por meio de nós, sendo LUZ que impulsionará a nossa caminhada”. (Raízes da Nossa Missão Educativa, 2000. p. 35).

Evangelizar por meio da educação requer um projeto que assuma Cristo como fundamento em quem os valores humanos encontram sua plena realização e a partir daí sua unidade. Esse projeto promove o sentido novo da existência e a transforma, possibilitando ao homem e à mulher, pensarem, agirem, de acordo com o Evangelho, fazendo das bem-aventuranças as normas de sua vida. A educação é “católica”, quando a comunidade escolar, — ainda que em grau diverso e respeitando a liberdade de consciência religiosa dos não cristãos nela presentes — converte os princípios evangélicos em normas educativas, motivações interiores e, ao mesmo tempo, em metas finais. (Documento de Aparecida — Texto da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 13-31 de maio de 2007).

O educador doroteano, inspirado nas Intuições Pedagógicas de Paula Frassinetti, e no Carisma da Congregação de Santa Dorotéia luta por uma sociedade estruturalmente alicerçada nos valores ético-evangélicos que faça-se espaço vital para a vivência fraterna, o exercício da cidadania, o diálogo, a busca da verdade, a partilha de bens, a participação nas decisões político-econômico-sociais, comprometida com o bem comum e a construção de uma cultura de paz. Valoriza a pessoa em sua diversidade, e sua condição de sujeito, agente da própria história e partícipe da História da humanidade. O educador doroteano prioriza o **SER**, na construção da convivência fraterna. Valoriza o **TER** como uma condição fundamental para a sobrevivência digna, mas repudia a ganância que gera a competição férrea e desenfreada e o aniquilamento do outro. Acredita que cada pessoa pode ser mais e melhor.

As propostas de Paula Frassinetti mostram-se atuais e bastante significativas. Mulher que realizou ações corajosas e ousadas para seu tempo, entendeu e vivenciou o testemunho cristão, exemplo, como atitude fundamental à educação. Considerava o presente como espaço-tempo precioso, que necessitava ser alvo de todo cuidado e atenção. Um espaço-tempo no qual o futuro seria construído. Paula propunha o diálogo e o respeito à diversidade, permeando as relações entre educador e educando, firmando uma das atitudes fundamentais a serem vivenciadas em toda a sua obra. Paula nutre-se da oração, num diálogo profundo e sincero com o Mestre, e interpela o educador doroteano a fazer a experiência de DEUS como forma de tomada de consciência de sua filiação divina pela fé recebida no batismo, para ser uma voz profética no mundo ferido de hoje.

O educador doroteano fortalece sua fé, mantendo, como PAULA, a intimidade com o CRISTO e o olhar fixo n'Ele, numa Igreja-povo onde partilha buscas, angústias e lutas diárias. Compromete-se com a construção de uma Igreja irmanada, que propõe-se a implantar o Reino anunciado por Jesus Cristo, aberta ao novo, transformadora e comprometida com questões sociais, mãe e mestra, que educa seus filhos na óptica da justiça e da fraternidade celebrando a vida e a esperança.

### 3. Marco Pedagógico-Pastoral

*Pela nossa vocação, na Igreja, somos enviadas a evangelizar por intermédio da Educação, com preferência pela juventude e pelos mais pobres.*

Const. 1986 n.26.

A Congregação das Irmãs Doroteias caracteriza-se, essencialmente, por seu compromisso com o ideal missionário de Paula Frassinetti, que escolheu contribuir com a educação das jovens para a construção de uma sociedade mais justa e humana, expressão autêntica da grande família de Deus. Assim, ancorado em Paula, para quem “formando as meninas a Pia Obra pode formar a metade da geração que surge” (Const. 1851, 207), todo educador doroteano deve empenhar-se em uma prática pedagógico-pastoral evangélico-libertadora, que vise à construção do Reino.

Toda e qualquer ação educativa e evangelizadora deverá, antes de tudo, estar alicerçada em uma sólida e inabalável fé em Deus, “cuja providência ordena todas as coisas com admirável sabedoria e tudo dispõe para o bem da sua Igreja”. (Const. 1851, 1). A Educação Católica é garantia de uma qualidade que sustenta-se na atualização das ciências, no ambiente dos espaços educativos propulsores das aprendizagens nas suas dimensões técnicas, teóricas e sociais. No exercício da partilha das coisas e dos saberes, na prevalência do desenvolvimento de competências e habilidades que corroborem com o bem comum.

Com base na pedagogia de Cristo, foram fundamentados os princípios pedagógicos de Paula Frassinetti, que convida-nos e ensina a aprender a lidar com as diferenças, promovendo a singularidade de cada pessoa. Com base nesses ensinamentos, o educador precisa aprender a conviver com as diferentes expressões religiosas e étnicas, orientação sexual, desenvolvimento cognitivo, origem e classe social, valores morais e éticos etc. a fim de que seja garantida a forma como o outro identifica-se e relaciona-se consigo, com o outro e com o mundo.

Na Pedagogia Doroteana destaca-se: a valorização das diferentes dimensões do ser humano: corporal, cognitiva, afetiva, social, moral, estética, psíquica e religiosa; ênfase na atuação evangélica, sem proselitismo, mas fiel ao ideal filosófico-religioso doroteano. Somos instituições de muitas décadas, algumas até centenárias, mas com

clareza de que torna-se necessário acompanhar as mudanças na educação, o que nos tem proporcionado desenvolver um trabalho em que estão alinhados o tradicional e a modernidade. Por isso, os currículos precisam ser construídos com ampla participação dos educadores para garantir, através de suas experiências, a legitimidade da educação moderna para todas as etapas de ensino. Daí a importância dos gestores das escolas, precisarem estudar a BNCC com profundidade para desenvolver um trabalho fundamentado com os educadores e para serem capazes de dialogar com a sociedade e órgãos competentes sobre os passos da sua implantação. É um caminho a ser construído, pois não há concretamente uma diretriz que garanta um diálogo entre a BNCC e o currículo, por isso a importância e necessidade do estudo da BNCC para traçar uma matriz para as escolas, tendo como norteadores os caminhos para ensinar o que propõe o documento, e que as instituições usem essa matriz para adequar seu projeto político-pedagógico.

A pedagogia de Jesus é pautada na dimensão do projeto do Pai. O Reino é seu referencial. A inclusão, o resgate da vida é sua intenção, os excluídos, o cenário da missão. O resgate da vida era uma das suas propostas, pois, Jesus não tolerava a exclusão.

Numa sociedade de consumo, de aparência, de tempos velozes, há pouco espaço para sentir, experimentar o Deus que opera no ser humano. O processo de evangelização nos espaços de ensino não pode estar desconectado do processo pedagógico. A ação educativa como também a ação evangelizadora carregam em si uma concepção de ser humano, de mundo e de sociedade. Se a ação educativa tem fundamentos antropológicos, cosmológicos e sociológicos, eles contribuem e somam na ação educativa nas instituições confessionais, e integra e relaciona-se profundamente com os fundamentos teológicos. A concepção teológica permeia no ensino e aprendizagem através das manifestações culturais espontâneas da comunidade educativa.

Além de uma Pedagogia Evangelizadora, a Educação Doroteana precisa esmerar-se no tripé das excelências, a saber: excelência acadêmica, excelência humana e excelência cristã. Excelência, diferente do que a maioria pensa, não é a perfeição. Mas buscar melhorar-se a cada dia nas pequenas coisas. Buscar a excelência não é um conceito novo. Pelo contrário, quem falou nisto pela primeira vez foi o filósofo Aristóteles: “Somos o que repetidamente fazemos. A excelência, portanto, não é um feito, mas um hábito!” A excelência acadêmica e a eficácia dos sistemas educacionais, atualmente, são pautas prioritárias na agenda da educação internacional.

Podemos nos questionar: O que devemos fazer para que os nossos educandos aprendam mais e, conseqüentemente, os resultados sejam melhores? Provavelmente, não existe uma única resposta para tal pergunta, mas, com certeza, a falta ou a baixa exigência não contribuem para tal. Assim, devemos manter o nível de cobrança elevado, mas também não podemos esquecer que outros fatores são extremamente importantes.

Pesquisas, algumas nem tão recentes, mostram que a formação dos educadores e o envolvimento dos pais no processo escolar influenciam bastante nos resultados, chegando, muitas vezes, a ser fatores determinantes. Devemos buscar a excelência

cotidianamente, por meio das mais diversas formas, tanto em sala de aula, como nos espaços fora dos muros da escola. Contudo, não podemos limitar nosso trabalho a essa busca frenética por resultados cada vez melhores. Nossos estudantes também devem ser felizes, outro valor fundamental que devemos trabalhar, pois qual o sentido da Educação se formarmos pessoas infelizes?

Aqui entra a eficácia da excelência humana e cristã. Nossa tarefa, portanto, não é fácil, pois devemos ser exigentes sem sermos excessivos; devemos incluir todos no processo e, ao mesmo tempo, todos devem estar felizes nessa jornada. Além disso, vale lembrar que as instituições doroteanas devem formar cidadãos autônomos, reflexivos e capazes de contribuir com a sociedade como um todo.

Para equilibrar as excelências humana, cristã e acadêmica, é necessário que, primeiramente, continuem ocorrendo experiências de trocas entre educadores, garantindo assim, a excelência na formação de toda a equipe. Acreditamos também que o contexto da sala de aula deve visar a integração da formação acadêmica com a vivência do discente, por meio de discussões de questões sociais, momento em que torna-se possível atrelar conteúdos a sua aplicabilidade, visando às transformações tão prementes em nossa realidade social e brasileira. Tudo isso torna-se possível quando todos estão conscientes das reais necessidades que temos e de sabermos onde queremos chegar.

Precisamos ainda exercitar cada vez mais o apreço pelas pequenas coisas, a preponderância do ser sobre o ter e a valorização do conhecimento e sua capacidade transformadora, isto é práxis libertadora. Nesse sentido, fazer a Vontade de Deus deve ser a meta primeira de todo educador doroteano, que, para isso, tomará como fonte inspiradora Jesus Cristo, Caminho, Pedagogo, Mestre e Guia de Paula Frassinetti e fonte de uma espiritualidade encarnada na realidade, atenta aos reais problemas da sociedade e em profunda sintonia com os anseios dos excluídos.

O educador doroteano inspirar-se-á, ainda, em Maria, exemplo de disposição e entrega total a um ideal e colaboradora para a redenção do mundo. O fazer educacional será norteado pelo Carisma congregacional, que visa à promoção da justiça e da fraternidade universais, “e concretiza-se na missão educativa através das escolas, dos projetos, das comunidades de inserção, da catequese, da animação nas paróquias e das casas para os exercícios espirituais. Uma especial atenção é dedicada às crianças e às mulheres, mediante projetos sociais, o serviço de voluntariado, os centros de atenção aos adolescentes e aos jovens em situação de risco”. (GAETANO PASSARELLI).

Educar, na perspectiva doroteana, é valorizar a atitude dialógica, participativa e crítica dos sujeitos abrangidos pelo processo. A educação integral é a proposta que alicerça o processo pedagógico doroteano (Educar para nós). Considera o educando em sua multidimensionalidade, propiciando o desenvolvimento de seu compromisso consigo, com o outro e com o mundo, a sua criatividade, a sua imaginação, a sua capacidade de amar e praticar a justiça e a misericórdia. Discorda, assim, daqueles que, apoiados na razão instrumental, reduzem a educação à instrução, pautada na

competitividade e destinada exclusivamente ao mercado. (Educar Hoje e Amanhã: uma paixão que se renova).

Há que se ver nesse Carisma uma rica contribuição para a busca de sentido e direcionamento da vida, motivo pelo qual recomenda-se a criação de espaços para a sua socialização e vivência em todos os momentos pela comunidade educativa. A fim de que os valores do Carisma doroteano sejam experienciados, deve-se investir na formação teológica sistemática da comunidade educativa, para que esta possa atender e vivenciar os princípios cristãos e aqueles anunciados por Paula Frassinetti, vivendo e aprofundando o sentido de pertença.

A eficácia da ação pedagógico-pastoral exige que tome-se a sociedade em sua pluralidade e que crie-se condições sociais que favoreçam à inclusão dos marginalizados, despertando-os para seu papel de sujeitos da própria história. Para tanto, é fundamental que a comunidade seja alertada e inserida na complexidade e problemática da realidade, procurando decifrar as múltiplas interações e contribuir para a construção de uma sociedade justa, em que caibam todos.

Em tempos desafiadores como os atuais, a ação evangélico-libertadora não poderá ser feita de forma isolada, mas sim por meio de parcerias com diferentes organizações, instituições, associações, pastorais e igrejas que visem à promoção humana, à justiça e à solidariedade e desenvolvam projetos sociais que procurem garantir a vida digna para todos. Nesse sentido, buscar que a instituição doroteana esteja constantemente em movimento pastoral significa fazer do cotidiano, espaço de evangelização na perspectiva de uma educação libertadora, atenta às diversas orientações religiosas que revelam, por diferentes formas, a presença do amor de Deus no mundo.

Tomando-se por base esse pressuposto, queremos uma pastoral, a partir da comunidade escolar, centrada no Carisma e articulada com a pastoral missionária, que:

- parta da experiência cristã, tendo Jesus Cristo como referencial e Maria como modelo, que impulse para um compromisso efetivo, dentro da dinâmica do Reino;
- assuma e viabilize, em todas as ações, o Carisma congregacional, efetivando as intuições pedagógicas de Santa Paula;
- articule os diferentes segmentos da comunicação educativa, procurando viabilizar uma educação evangélico-libertadora à luz do Carisma, no seguimento de Jesus e do Reino;
- realize investimentos na formação teológica sistemática da comunidade educativa, para que esta possa atender e vivenciar os princípios cristãos e os princípios anunciados por Paula Frassinetti, externalizando, então, o sentido de pertença;
- torne visível o caráter confessional da Instituição, propondo a sua razão de ser, que deve ser assumida pelos educadores, pertencentes a diferentes instâncias e segmentos do processo educativo;

- contribua, efetivamente, para a veiculação de valores que possibilitem a normatização e a criação de regras para a organização da vida, contemplando a integridade do ser humano;
- considere o aspecto plural da sociedade e articule as diferentes concepções, manifestações e organizações, sejam elas sociais ou religiosas;
- torne conhecido o significativo compromisso cristão de grupos e pessoas éticas, sejam da atualidade ou do passado, a fim de que sirvam de referenciais e contribuam para a formação da personalidade dos educandos e da comunidade educativa;
- releve e viabilize o Carisma fundante no cotidiano do processo educativo, buscando a efetivação da razão de ser e de estar na Educação;
- articule o Projeto Político-Pedagógico da Escola com o conjunto da Província e com os diferentes espaços eclesiais e sociais;
- viabilize uma educação evangélico-libertadora, responsável pela criação de condições sociais propícias à inclusão de todos e, em sintonia com os debates travados em diversas instâncias e apresentados como bandeiras em movimentos sociais, evitando, assim, o fracasso que fere a infância e a juventude de muitos que passam pelas escolas. Isso exige uma atenção especial para a formação continuada dos educadores, quer no que tange à dimensão técnica do fazer pedagógico, como no que se refere às exigências relativas às emoções que permeiam as relações entre os sujeitos aí envolvidos. Nesse processo, estar ciente de que as mudanças significativas não ocorrem por decreto, mas são o resultado de conversões e ações solidárias contínuas;
- articule o projeto político-pedagógico da Instituição com as diretrizes emanadas da Igreja e da Congregação e com os apelos oriundos de movimentos pela justiça e pela solidariedade;
- evite o entranqueamento da Instituição e abra portas e janelas para que ela cumpra a sua função social e contribua para que, mediante o processo educativo, efetive-se a emancipação da pessoa humana, pela criação de uma cultura de justiça e de paz;
- desperte para a dignidade de sujeito protagonista de sua história e para que cada um seja sujeito-cidadão;
- possibilite à comunidade educativa o contato e o mergulho em desafios, limites e esperanças do cotidiano da vida, o resgate da autoestima individual e coletiva e a consciência de que esse processo contribuirá para encantar o ser e suas ações;
- insira a comunidade educativa na complexidade e problemática da realidade, procurando decifrar as múltiplas interações e contribuir para a construção de uma sociedade justa, em que caibam todos;

- encaminhe formas de organizar a vida, tornando possível experimentar a existência de uma inter-relação entre todas as coisas e ampliar os espaços de vida da biodiversidade do planeta;
- sensibilize-se para a atitude dialógica, em todos os momentos e direções, proporcionando a todos o enriquecimento proveniente da socialização das diferentes experiências;
- viabilize a vida nas suas diferentes expressões, procurando efetivá-la sempre, mesmo quando as condições apresentarem-se adversas;
- crie espaços para que a comunidade educativa experiencie os valores do Carisma por meio da oração, da reflexão e da ação;
- motive os membros da comunidade educativa para que atuem em diferentes espaços eclesiais e sociais, a partir dos valores do Reino;
- contribua para a busca de sentido e direcionamento da vida, entendendo que, neste dinamismo, o Carisma contribui intensamente e, por isso, deve ser socializado e vivenciado em todos os momentos;
- desenvolva projetos sociais e articule-se com outros já existentes, procurando garantir vida digna para todos;
- sensibilize-se para a busca de uma espiritualidade atenta aos reais problemas da sociedade, em profunda sintonia com os anseios dos excluídos;
- motive a comunidade educativa para que entenda e vivencie a razão de ser do processo educativo e de sua função, para a formação de seres saudáveis, que atuem efetivamente, no campo social;
- auxilie os educadores para que exerçam as suas funções com espírito crítico e com encanto permanente pela Educação;
- atribua competência à comunidade educativa de viabilizar os princípios que delineiam a Identidade da Educação Cristã Católica Doroteana;
- viabilize a convivência na mesma *Casa Comum*, numa época de pluralismo, onde a hospitalidade, a mútua acolhida e a abertura generosa sejam valores intrínsecos ao trabalho do educador doroteano.

### **Princípios fundamentais do desenvolvimento e da efetivação da Pastoral Escolar Doroteana:**

- a centralidade da pessoa de Jesus Cristo, como Educador, Mestre e Guia;
- a espiritualidade atenta aos problemas da sociedade, em profunda sintonia com os anseios dos excluídos;
- o processo pedagógico-pastoral orienta-se por relações de aceitação às diferenças, acolhimento à diversidade humana, esforço coletivo na equiparação

de oportunidades de desenvolvimento, inclusive àqueles com possibilidades educacionais especiais;

- uma coerência educacional arraigada na visão cristã de uma *Escola em Saída*, capaz de construir um espaço gerador da *cultura do encontro*;
- a compreensão de que as pessoas são sempre educáveis;
- as intuições pedagógicas de Paula, testemunharam, em sua vida, a simplicidade e o acolhimento, a energia e o equilíbrio, a coragem e a audácia, a firmeza e a suavidade, a humildade e a verdade, a retidão e a coerência, a perspicácia e a intuição, a alegria e a ternura, a compreensão e a misericórdia, a fraternidade e a solidariedade;
- o Carisma como um jeito de ser a serviço do Reino;
- a abertura à ação do Espírito Santo, tendo, em Maria, o modelo de disponibilidade e serviço ao Reino;
- o respeito pela individualidade; a importância da escuta e do cultivo da alegria;
- a atitude dialógica, participativa e crítica;
- a valorização das diferentes dimensões do ser humano: corporal, cognitiva, afetiva, social, ética, moral, estética e religiosa;
- a percepção do mergulho e da ação de Deus na história do homem;
- a importância de experienciar o amor de Deus na própria vida e desenvolver uma relação íntima com Ele;
- a memória e recolhimento dos valores do passado para situar-se e conferir sentido ao presente e, então, projetar, com esperança, o futuro;
- valorização da família como espaço indispensável para uma educação efetivamente saudável;
- a transformação do Carisma congregacional em realidade viva que corre pelas veias da comunidade de ações educativas;
- a importância de amar sem limites;
- a mística como elemento indispensável para a ação, desenvolvida a partir dos desafios da realidade concreta do Carisma e dos princípios evangélicos;
- o reconhecimento de valores afetivos e efetivos no processo de gestação de seres saudáveis;
- o pensamento complexo como forma indispensável para entender a dinâmica da vida, na atualidade;
- a atitude dialógica e a abertura do diálogo inter-religioso;
- o respeito às diversas etapas e às faixas etárias em que se encontram os membros da comunidade educativa;

- a disseminação do Evangelho como caminho para viabilizar a mensagem profético-libertadora à comunidade educativa e ao seu entorno;
- a opção evangélica pela justiça e pela solidariedade efetiva com grupos e etnias excluídos dos processos de vida;
- os grupos de vivência, partilha, reflexão, socialização das experiências, nos diferentes segmentos da comunidade educativa, como canais indispensáveis para cultivo e aprofundamento da espiritualidade que impulsiona ao compromisso;
- o significado do cotidiano para a criação, recriação e cocriação da vida;
- o sentido de presença, o cultivo do carinho e do respeito para com o Carisma, como fundamentos da razão de ser, da paixão e do encontro da Educação Doroteana.

## O diálogo com as pedagogias contemporâneas

Na educação, os estudantes devem ser incentivados ao “faça você mesmo”. A potencialização dessa cultura favorece o processo de ensino e aprendizagem ao possibilitar a experimentação, o compartilhamento de ideias, a aprendizagem colaborativa, o uso das tecnologias digitais. A *cultura maker* desperta nos alunos a vontade de criar, inovar e empreender, além de incentivar a autoria de projetos.

As últimas décadas foram pródigas em desenvolvimentos educacionais. Os avanços da psicologia cognitiva, das ciências computacionais, das tecnologias da comunicação, da neurociência, da genética, da reflexão filosófica e das perspectivas críticas dos sistemas sociais, entre outros, têm impactado como nunca a educação e, conseqüentemente, a pedagogia e a didática. Novos paradigmas educacionais têm surgido e, sem dúvida, inspiram, consciente ou inconscientemente, explícita ou implicitamente, os processos educacionais que adotamos, bem como as políticas educacionais propostas pelos governos, e a formação que aplica-se nas instituições doroteanas.

A pedagogia libertadora tem sido talvez o paradigma que mais suscitou experiências educacionais na Escola Católica e que permitiu reflexões, posições e diálogos interessantes, especialmente quando os processos educacionais, em sua maioria, eram conduzidos no estilo tradicional. As turbulentas décadas de 1960 e 1970 permitiram a criação de projetos educacionais alternativos e de posicionamentos pedagógicos críticos, que ainda continuam mostrando sua força em experiências inovadoras de educação popular. No entanto, o leque hoje é maior e a situação é propícia ao diálogo fértil entre uma educação tradicional e as tendências teóricas que permeiam os projetos educacionais atuais. O paradigma histórico-cultural, a perspectiva cognitiva, a pedagogia crítica em suas diferentes vertentes, as inteligências múltiplas, o construtivismo, entre outros, frequentemente fazem parte do vocabulário e da inspiração de projetos educacionais católicos.

Esse diálogo, tão urgente como necessário, passa por uma posição sempre crítica que explora a potencialidade dos paradigmas com as condições reais em que se concebem as propostas. Se o nosso objetivo é tornar a educação acessível, promover os valores da solidariedade, justiça e dignidade, educar pessoas e formar cidadãos, lutar pela igualdade e por oportunidades para todos, então esses diálogos com pedagogias contemporâneas são condição sem a qual não se pode renovar as nossas propostas e conceber projetos contextualizados que respondam aos mais profundos anseios dos estudantes, crianças, jovens ou adultos, como das sociedades e grupos humanos aonde levamos nossa proposta. A oferta educacional católica não só deve ser consistente teoricamente e coerente metodologicamente, como explícita em seus meios e em seus fins. A educação integral, tão propagada em nossos projetos, deve ser transparente em seus objetivos, clara em suas definições, em seus fundamentos epistemológicos, em suas metodologias e coerente nas medições pedagógicas.

## Educar para a cidadania e a vida política

Com frequência tem sido refletida a questão da dimensão política da Educação. Nos conturbados mas enriquecedores anos 1960 e 1970 foram apresentadas várias propostas sobre o assunto. A escola e a universidade foram consideradas fundamentais na construção da nova sociedade. A educação e a escola não são as únicas responsáveis pela transformação dos sistemas sociais ou pela consolidação de modelos políticos, embora muitos acreditem nisso; tampouco a Educação, como produto do sistema social, tem apenas uma função conservadora. A Educação é um fator de mudanças e progresso, motor de transformações e de apoio ao processo de desenvolvimento integral. Dessa forma, cada instituição doroteia é um espaço privilegiado para a formação de valores, o fortalecimento da experiência ética, que sustenta a ação social e a práxis política, e a reprodução em escala do projeto de sociedade alcançado por meio do diálogo pluralista de grupos, partidos e instituições.

A natureza confessional da escola não pode ser considerada um fator impeditivo ao pluralismo, que de fato deve fortalecer-se. Ser leal à identidade que a nomeia permite-lhe assumir uma perspectiva crítica para julgar a realidade, apresentar sua proposta ética e implementá-la com a ajuda de todos, sempre pensando que a diversidade de pessoas deve reproduzir-se diariamente no processo educacional. Na verdade, nossa missão não pode ser apresentada como “neutra”, porque a neutralidade nas questões sociais e políticas é simplesmente impossível. Além disso, a natureza confessional baseia-se na liberdade religiosa, assunto que não pode ser ignorado hoje, visto que a humanidade passou por uma sangrenta fase de intolerância religiosa, conflitos, guerras, crimes e todo tipo de humilhação para a dignidade humana.

Uma das grandes realizações da humanidade é precisamente o sistema democrático. Muitos séculos de aprovações, que vão desde sociedades tribais e escravistas, passando por absolutismos imperiais e monárquicos, ditaduras de todos os matizes, até regimes de partidos únicos, permitem-nos pensar que o modelo político mais

civilizado é a democracia. Imperfeito e aprimorável, com lacunas e questionamentos, é, sem dúvida, a melhor maneira que a humanidade encontrou para preservar a liberdade, buscar a justiça e gerir a vida social.

Embora seja verdade que o advento da democracia na América Latina, após os regimes militares nefastos do século passado, não representou o desenvolvimento desejado e a necessidade de equidade, não pode-se negar o seu potencial, mas comprometer-se com seu fortalecimento. Aprendemos lições dolorosas sobre isso, e esse é também um questionamento sério de nossos processos educacionais. A participação e o controle político – naturais na democracia – foram evitados em nossa formação e ação, pois nos contentamos com o voto eletivo, mas não nos preocupamos com o acompanhamento e a prestação de contas daqueles eleitos. A fragilidade das organizações sociais e a formação precária de cidadãos conscientes de suas responsabilidades políticas contribuíram para o crescimento da corrupção, que parece incontrolável; a existência de cidadãos indiferentes aos problemas políticos, o surgimento de “Messias” ditatoriais e o retorno ao fatídico caudilhismo de um passado não muito distante são problemas que levam à destruição das instituições e ao enfraquecimento da democracia.

A missão da Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia é evangelizadora e educativa, nessa perspectiva é importante ressaltar o alicerce na fé em Deus e seu compromisso com a sociedade, no intuito de transformar vidas e enfrentar os problemas advindos dos mais necessitados e excluídos.

Nos próximos anos, o fazer pedagógico será norteadado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que substitui os antigos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que eram utilizados como referência para a elaboração dos currículos no Brasil. Com a vantagem de que a Base prevista em lei, é fixada como norma nacional. É um documento normativo que define os direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para as crianças e jovens.

A BNCC apresenta dez competências com que deseja contribuir para a construção de uma sociedade mais ética, democrática, responsável, sustentável, justa e solidária, que respeite e promova a diversidade e os direitos humanos sem preconceito de qualquer natureza:

1. Pensamento científico, crítico e criativo.
2. Produções artísticas.
3. Comunicação.
4. Cultura digital.
5. Autogestão.
6. Argumentação.
7. Autoconhecimento e autocuidado.
8. Empatia e cooperação.
9. Autonomia.

Revisar os componentes curriculares para que as disciplinas trabalhem os saberes intimamente relacionados a valores e espiritualidade. Administrar a confluência

sadia e produtiva entre ciência e pastoral e, por consequência, pautar a possibilidade da ciência pastoral e da pedagogia também como ciência.

Incluir é a capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver, compartilhar com pessoas diferentes de nós. Portanto, desejamos um trabalho com inclusão que a todos acolha, independente de suas diferenças; que a diversidade esteja presente na instituição, tal qual na sociedade; que o trabalho realizado possibilite que estes educandos desenvolvam sua autonomia para que possam ocupar seu espaço na sociedade; que os educandos possam vencer as suas limitações, sejam físicas, intelectuais, emocionais ou sociais; que o trabalho possibilite a interação com o outro, e que todos os protagonistas das casas doroteias, aprendam a conviver com as diferenças, tornando-se cidadãos solidários.

A Educação Integral, tão preconizada em nossos projetos educacionais, não pode esquecer-se dos valores próprios e necessários para o desenvolvimento das aptidões científicas: a observação, a análise, o procedimento, a força do argumento, tudo isso combinado com os valores que sustentam o humanismo: o respeito, a contemplação, a beleza, o valor da vida, a diferença, a transcendência.

A unidade doroteana é um espaço privilegiado para a formação de valores, o fortalecimento da experiência ética que sustenta a ação social e a práxis política e a reprodução em escolas do projeto de sociedade alcançado por meio do diálogo pluralista de grupos, partidos e instituições. A natureza confessional da Escola não pode ser considerada um fator impeditivo ao pluralismo que de fato deve ser fortalecê-lo. Ser leal à identidade que a nomeia permite-lhe assumir uma perspectiva crítica para julgar a realidade, apresentar sua proposta ética e implementá-la com a ajuda de todos, sempre pensando que a diversidade de pessoas deve reproduzir-se diariamente no processo educacional.

Uma educação de qualidade deve possuir mediadores que nos aproximem de alguns componentes básicos de qualidade, uma educação que proporcione habilidades comunicativas, entendidas como o uso adequado de línguas fundamentais (língua materna e outros idiomas) e meios tecnológicos, formação que permita aos cidadãos a consolidação da sociedade democrática e sua institucionalidade, a ética civil e o respeito aos direitos humanos, domínio da matemática e seus processos, e a base de pensamento das ciências naturais, para a compreensão do mundo.

O desafio de sermos significativos:

- cultivar laços pessoais e sociais, revalorizando a amizade e a solidariedade;
- sermos audazes e criativos;
- a alegria, a gratidão, a festividade;
- o convite à adoração e à gratidão (na existência vertiginosa de cada dia, é possível esquecer essa sede de comunicação). A Instituição pode apresentar, orientar e ajudar a sustentar o encontro com o vivente, ensinando-o a apreciar a sua presença, a rastrear suas trilhas.

Evangelizar educando a partir do currículo:

- enfoque antropológico;
- enfoque teológico;
- visão ecológica;
- enfoque ético;
- dimensão utópica;
- a consciência e a responsabilidade cidadãs.

Entendemos que a nossa Educação pela Via do Coração e do Amor, como essência do Carisma da Congregação de Santa Dorotéia, alcançados com a nossa qualidade de ensino, encontra lugar onde entendemos, possivelmente, a principal porta de acesso ao conhecimento e à vida.



## 1. Missão Educativa Profética

*“A Educação para a vida inclui a formação integral dos educandos, mostrando-lhes a necessidade de se conduzirem de acordo com a fé e a razão, despertando a consciência social para assumirem-se, com olhar crítico, investido de dignidade, responsabilidade e esperança, rumo a uma sociedade justa”.*

Const. 1851, Cap. VI, art. 12.

O discipulado<sup>1</sup> na Congregação tem como missão evangelizar através de uma educação ancorada em princípios éticos, humanos<sup>2</sup> e cristãos, em fidelidade à doutrina e determinações da Igreja, segundo as Intuições Pedagógicas de Paula Frassinetti. “Pela nossa vocação na Igreja, somos enviados a evangelizar através da educação com preferência pela juventude<sup>3</sup> e pelos mais pobres” (C. 26). É a nossa missão que justifica e dá o sentido da nossa presença nas Instituições. Essa tarefa faz-se mística e missão.

A mística refere-se à presença ativa de DEUS trino em nós, recolhe-nos para enviar; enquanto a missão remete-nos para fora de nós (*Igreja em Saída*), é a certeza de que DEUS não nos necessita para si, mas para os outros. A experiência mística termina necessariamente na missão. (LIBANIO).

No *Documento de Espiritualidade* das Irmãs Doroteias, vemos expressa a ideia de que o modo de agir missionário das Doroteias volta-se para “a maior Glória de Deus, o Reino e sua Justiça” (Doc. Espiritualidade, p.82). Paula vivia a convicção de que a

<sup>1</sup> A Igreja deve cumprir sua missão seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes (cf. Mt 9,35- 36). Ele, sendo o Senhor, fez-se servo e obediente até a morte de cruz (cf. Fl 2,8); sendo rico, escolheu ser pobre por nós (cf. 2 Cor 8,9), ensinando-nos o caminho de nossa vocação de discípulos e missionários. No Evangelho aprendemos a sublime lição de ser pobres seguindo a Jesus pobre (cf. Lc 6,20; 9,58), e a de anunciar o Evangelho da paz sem bolsa ou alforje, sem colocar nossa confiança no dinheiro nem no poder deste mundo (cf. Lc 10,4 ss). Na generosidade dos missionários se manifesta a generosidade de Deus, na gratuidade dos apóstolos aparece a gratuidade do Evangelho (Documento de Aparecida. p.30).

<sup>2</sup> Educar ao Humanismo Solidário (Roma, 16 de abril de 2017).

<sup>3</sup> Em sua obra *Para onde vai a Juventude?*, Padre João Batista Libanio analisou as tendências da juventude de hoje. Em sua análise, ele assegurou que “juventude” não tem a ver apenas com a questão biológica: “Há muito homem de 40 anos com atitudes juvenis”. Das 46 tendências da juventude apontadas no livro, Libanio, começando por uma tendência mais biológica: de um crescimento e desenvolvimento físicos lentos (devido a uma alimentação mais fraca, com esportes mais reduzidos), passa-se a uma juventude com um desenvolvimento físico rápido. “Mas o psíquico não pode acompanhar esse crescimento. Não se pode acelerar a psique”, afirmou o teólogo. “O jovem se sente muito grande de corpo, mas não sabe o que fazer com ele. A alma não cabe mais lá dentro, não o preenche. Muito corpo e pouca alma.”

missão que lhe estava confiada, bem como ao Instituto, pertencia totalmente a Deus. Esta certeza era o fundamento da pobreza evangélica, acompanhada de sentimentos de profunda gratidão, de total confiança e de abandono filial.

A educação para a vida inclui a formação integral dos educandos, mostrando-lhes a necessidade de conduzirem-se de acordo com a fé e a razão (Const. 1851, Cap. IV, Art. 12), despertando a consciência social, o cuidado da *Casa Comum*<sup>4</sup> para assumirem com olhar crítico, investido de dignidade, responsabilidade e esperança, imbuídos de consciência ecológica rumo a uma sociedade justa. A unidade que se busca está na comunhão, compreendida como fonte da missão. A comunhão é seu termo e seu objetivo. É o próprio caminho e sua condição. “A comunhão que se há de construir abrange-lhes todo seu ser, desde as raízes do amor e há de se manifestar em toda a sua vida, até na sua dimensão econômica, social, política” (Doc. nº 40 CNBB. p. 24-25).

O educador doroteano assume, portanto, sua vocação de presença profética na denúncia de todas as formas de ameaça à vida, bem como na defesa dos Direitos Humanos e Sociais, nas iniciativas de inclusão e no anúncio de novas possibilidades de convivência e relacionamento com a natureza<sup>5</sup> em sua totalidade. O processo de nossa transformação em Cristo unifica toda a nossa vida, tornando-nos apóstolos e apóstolas discípulos, discípulos missionários e missionárias de fé inabalável, edificante e operativa que em total abandono ao Pai, não têm outra intenção nem outro desejo a não ser a realização de sua Vontade. (Const. 6).

O diferencial da Educação Doroteana pode ser ressaltado a partir do fato de que os trabalhos nos âmbitos pedagógico, pastoral, ecológico, administrativo e político-social seguem na mesma direção e com o mesmo cuidado, de modo que os educadores ocupem-se dos grupos e de cada pessoa envolvida no processo, buscando tratar das principais necessidades e anseios que possam ser identificados na jornada, por meio de ações que fazem-se necessárias para cada realidade.

Viver e testemunhar o Reino exige identificar-se com os critérios de atuação de Jesus, contrários à corrente do mundo que exalta, acima de tudo o parecer, o ter e o poder. Nossa prática educativa dá-se através do anúncio e da vivência dos valores evangélicos, constituindo-se em força de transformação, geradora do cultivo da esperança, do exercício da solidariedade e da formação da consciência crítica.

Nesta dimensão temos um grande desafio, que é o de continuar propagando de forma intensa, o Carisma, a Identidade, o sentimento de pertença e as Intuições Pedagógicas de Santa Paula, envolvendo ainda mais a todos a fim de que se comprometam com a Missão Educativa das Instituições. Temos ainda de considerar outro

---

<sup>4</sup> Na *Laudato Si*, o Papa Francisco insiste que o urgente desafio de proteger a nossa *Casa Comum* inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca do desenvolvimento sustentável e integral.

<sup>5</sup> No *Instrumentum Laboris* do Sínodo dos Bispos para a Assembleia Especial para a Região Pan-Amazônica do ano de 2019, os bispos ressaltam que ameaças e agressões à vida geram clamores, tanto por parte dos povos como da terra.

desafio pertinente a essa dimensão: fortalecer as relações com as diferentes organizações da sociedade civil e do Estado, garantindo uma *Escola em Saída*.

## 2. Administração com os Critérios da Justiça do Reino

*“O modo de proceder requer equilíbrio, bom senso, prudência, imparcialidade e justiça nas relações. É importante que tenhamos zelo pelas pessoas, respeitando as individualidades, demonstrando sensibilidade na percepção das suas dificuldades”.*

Const. 1851, Capítulo VI, artigos 2º e 3º.

A administração com os Critérios da Justiça do Reino visa a uma reflexão sobre justiça social, ao fortalecimento da atuação em rede, à elaboração de planos de formação continuada para o aprimoramento da competência técnica, pastoral e pedagógica do Grupo Doroteias. Na lógica do Reino apresentada pela prática de Jesus Cristo, o amor é o fundamento e a meta é a vida plena. A vida material e a vida espiritual são integradas e a pessoa é considerada em sua dignidade humana. O modelo de gestão em consonância com essa lógica é fundado no exercício da gestão participativa com a finalidade de promover ações que potencializem a sustentabilidade de cada unidade, com ênfase no cuidado da *Casa Comum* e na Economia Solidária, reafirmando a opção pelos pobres.

Os administradores doroteanos têm como princípio o trabalho na simplicidade e devem urgentemente abrirem-se aos novos horizontes e exigências do cenário nacional, como exercício resiliente de criar e vivenciar alternativas que fortifiquem a vontade de lutar por um mundo radicalmente melhor e estejam atentos às novas demandas para as Instituições doroteanas no mundo contemporâneo, favorecendo estratégias de melhoria e manutenção das obras e a profissionalização da comunidade educativa.

A administração doroteana está pautada na clareza e transparência, em busca de uma Instituição Sustentável, Solidária e Democrática. Neste sentido, a gestão participativa e compartilhada, comprometida com a justiça e a ética deve voltar-se para as prioridades das Obras; desenvolvendo objetivos orçados, buscando a excelência na gestão dos recursos, tendo um planejamento financeiro e organizacional que possibilite previsões, coordenação no controle de custos, visão empreendedora e empresarial, elaboração e execução de projetos que captem e fidelizem as famílias, os educandos e reduzam a inadimplência.

O administrador doroteano deve ter o compromisso de viabilizar as condições financeiras e organizacionais para a formação contínua de suas equipes, mantendo

o corpo funcional motivado, dinâmico e atualizado; bem como o investimento dos recursos materiais necessários às práticas educativas e a utilização das novas tecnologias através da modernização estrutural, pedagógica e financeira.

Nessa dimensão apresenta-se como desafio a implantação e implementação de um planejamento estratégico que oportunize uma administração ágil e segura, favorecendo o atendimento das demandas pedagógicas, sociais e pastorais.

### 3. Partilha do Carisma com os(as) Leigos(as)

*“Deus vos conserve no seu santo amor, e vo-lo aumente, de dia para dia, de momento para momento, de tal maneira, que possais acender o fogo onde quer que chegueis. Inflamai todos no santo amor, inflamai todos os que de vós se aproximarem”.*

Paula Frassinetti, Carta 363,9.

O Carisma de Paula e o diferencial do seu Instituto são a sua fidelidade à busca apaixonada e cotidiana pela Vontade de Deus, para transformar a Sociedade<sup>6</sup>. A sua vida e a santidade são sinais iluminadores da presença de Deus no mundo, marcado por tantos ferimentos e carente de sinais de esperança. O seu Carisma é como uma lâmpada que não deve ser guardada como um bem particular, mas compartilhado como obra e testemunho da ação de Deus em favor de seu povo, que é a Igreja.

O acesso ao Carisma de Paula nos é acessível pela abertura, coragem, ousadia e disponibilidade das Irmãs de realizarem um movimento de abertura da Congregação aos leigos como parte integrante da identidade carismática desta Congregação.

A partilha do Carisma faz-se pela transmissão dos valores evangélicos testemunhados por Paula, em ações formativas e por sua forma de vida, a qual chamamos de espiritualidade<sup>7</sup>. Vivenciar o Carisma de Paula Frassinetti significa estender o seu alcance, ampliá-lo ao entendimento do outro e envolver outros sujeitos (“Chamei-vos amigos!” Jo 15,15), fazendo com que ele seja um diferencial nos processos educativos do cotidiano, dentro e fora dos ambientes educacionais. Educar “pela Via do Coração e do Amor” é buscar, constantemente, uma prática que promova o sentimento de pertença ao Carisma como marca da Identidade Doroteana. A Congregação de Santa

<sup>6</sup> “É o tempo oportuno para que o Deus que nos chama ao impossível realize sua obra através de nós, assim como outrora, a realizou gerando vida nova no seio de duas mulheres, uma fértil e outra estéril – Maria e Isabel.” (Cap. Geral XXI, p.4).

<sup>7</sup> “A primeira e fundamental característica da espiritualidade de nossa fundadora é sua atitude perante Deus. Deus é, para Paula, a Divina Providência que dispõe tudo para o nosso bem.” (Doc. Espiritualidade, p.16).

Dorotéia fortalece suas raízes e expande os galhos de seu Frássino ao propiciar, aos leigos, oportunidades de conhecimento e estudo mais aprofundado de suas fontes, do espírito apostólico de sua fundadora. Ao engajar outros agentes de educação e evangelização nesse processo, dimensionando a “fidelidade renovada” às origens, a Congregação busca corresponder de forma plena e partilhada às necessidades da *Igreja em Saída*.

A vitalidade da filosofia, do Carisma e da mensagem de Paula Frassinetti requerem um trabalho diário, sistemático, a ser assumido efetivamente pelos educadores doroteanos, testemunhando os valores evangélicos e o Carisma nas obras e fora delas, uma vez que os apelos adversos da sociedade são intensos e desafiadores. A primeira tarefa que esta dimensão coloca-nos é a de sermos nós mesmos sinais do Carisma doroteano. É preciso ser um sinal forte, como um farol que ilumina a noite dos navegantes que desejam não atracar em um porto seguro, mas dirigir-se à imensidão e à imprevisibilidade do mar. A fé e o engajamento no Evangelho de Jesus não é um chegar ao porto, mas um constante partir para a missão de viver e pregar a boa-nova, sendo esta boa notícia. Ao ser este sinal do amor de Deus no mundo e atraindo corações para este encontro com o Pai, Paula convida-nos a completar a sua missão nas condições que a realidade do mundo apresenta-nos.

A partilha do Carisma com os Leigos perpetua e atualiza a vida e a espiritualidade de Paula. A vivência, atitude e gestos concretos em favor da defesa da vida e dos valores evangélicos e o espírito de oração – contemplativa e missionária – que aproxima a humanidade de Deus são meios de propagação da luz que vem dessa lâmpada-Carisma. Este mesmo Espírito, que outrora enviou os profetas, iluminou a vida de Jesus na sua entrega amorosa aos seus, animou a Igreja, e inspirou a santidade de Paula, dom do Pai, convoca-nos a ser “sal da terra e luz do mundo”, em atitude constante de saída: “É preciso que Ele cresça e eu diminua.” (Jo 3,30).

## 4. Qualidade de Ensino

*“Os currículos e os programas contemplam a formação intelectual, linguística e os valores artísticos a serem viabilizados de acordo com a realidade, circunstâncias e condições dos educandos, tendo como referencial os princípios religiosos presentes na Pedagogia do Evangelho e na Filosofia da Congregação.”*

Const. 1851, Cap. IV, arts. 17 e 18.

A proposta educativa de Paula Frassinetti, atualizada no Documento *Educar para nós*, ressalta como finalidade maior da intervenção pedagógica: a descoberta pela pessoa de que é amada por DEUS e o crescimento da pessoa até a plenitude da

maturidade em CRISTO. As Intuições Pedagógicas de Santa Paula Frassinetti apresentam um estilo educativo próprio, diferenciando-se pela presença, espírito de família, simplicidade, amor ao trabalho e aos educandos. Os saberes e as vivências que perpassam os nossos campos de missão não derivam de uma concepção neutra da realidade social. Por isso, faz-se necessária a construção de um itinerário pedagógico-pastoral que estabeleça o equilíbrio entre os níveis de excelência humana, cristã e acadêmica em vista do Projeto de Vida de crianças, adolescentes, jovens e adultos.

A qualidade de ensino para a educação doroteana é entendida em relação a sua finalidade precípua que é o cultivo da vida plena, o que no espaço da escolarização formal, expressa-se na formação integral da pessoa. Trata-se de uma qualidade construída coletivamente a partir das interações sociais que perpassam o espaço didático-pedagógico-pastoral e reflete as marcas histórico-culturais de seu contexto. Esta formação integral está alinhada às dez Competências Gerais propostas pela Base Nacional Comum Curricular para a Educação Básica, bem como às Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Superior.

As Instituições doroteanas propõem-se a oferecer à comunidade educativa condições de experimentar e praticar a cidadania, o exercício do voluntariado, recebendo, para isso, uma educação de excelência acadêmica, humana e cristã. O educador doroteano é atento aos sinais do mundo e dos tempos e busca, sempre, perceber qual o melhor caminho para garantir aos educandos a opção de planejar e buscar o sucesso em seus projetos de vida. Para tanto, o conhecimento, a interlocução e o discernimento diante das Novas Metodologias (Sistema Bilíngue, Robótica, Educação Financeira, Empreendedorismo, Metodologias Ativas, Cultura *Maker*, Aprendizagem Colaborativa, Uso das Tecnologias Digitais, Autoria, Incentivo à Pesquisa e outros...) tornam-se um imperativo categórico para alcançarmos as exigências de uma época veloz e em constante mutação. Educar, nessa perspectiva, é assegurar práticas pedagógicas de excelência, alicerçadas em valores éticos e cristãos e no respeito à diversidade cultural.

## 5. Comunicação

*“Procurem animar-se, mutuamente, e o que uma sabe ensine-o à outra [...]. Enfim, procurem continuar como até agora, [...] ajudando-se mutuamente, quer no espiritual, quer no material.”*

Paula Frassinetti, Carta 169,3.

Anunciar a alegria missionária, tão recomendada na *Evangelli Gaudium* do Papa Francisco, é dizer quem somos, o que queremos, para onde vamos e que resultados

conseguimos: “Discípulos missionários que *primeiram*, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam.” (EG).

O diferencial educativo doroteano precisa ser comunicado e partilhado. Não se trata de *marketing* mercadológico, mas de comunicação que dê visibilidade à Missão. Na linguagem de Francisco, precisamos “nos impregnar do perfume do Senhor”, sendo uma *Escola em Saída* que vive o anúncio da boa-nova aos “descartados da Terra”, aqueles que são os preferidos do coração de Deus e o rosto de Deus sem moldura no nosso Carisma. “Louvando, aprendemos a sensibilidade de não perder a bússola para não fazer na comunicação, dos meios, fins, nem do supérfluo, o que é importante.” (Papa Francisco, Visita à África, 08/09/2019). Nesse mesmo sentido, os que decidem seguir por esses caminhos devem assumir essa identidade e deixar transparecer, no seu agir, um rosto doroteano.



# Diagnóstico

*“Animai-vos mutuamente a tornar-vos instrumentos aptos para realizar grandes coisas para a glória de Deus.”*

Paula Frassinetti, Carta 790,4.

A Congregação de Santa Dorotéia da Frassinetti, em fidelidade ao Carisma de Paula, tem como missão evangelizar pela Educação, sendo uma *Igreja em Saída*, a serviço do Reino de Deus. Neste momento de instabilidade política, econômica e social, precisamos mobilizar-nos, estar atentos e vigilantes para ser a voz daqueles mais espoliados e excluídos.

O nosso processo avaliativo teve como escopo principal a ideia de que podemos e devemos SERVIR cada vez melhor e sempre, como instituição católica, sendo discípulas(os) e missionária(os) na *Igreja em Saída*, como comunidade dos “discípulos missionários que *primeiram*, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam”, como nos diz o Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Na realização do diagnóstico da caminhada empreendida pelas Escolas Doroteias do Brasil no período de 2013 a 2018, podemos afirmar que encontra-se assegurado em nossa prática o compromisso com uma Educação Evangelizadora e promotora da vida em abundância.

Frente aos desafios do cenário político, social e educacional deste país, somos compelidos no dever de anunciar a boa-nova, sendo discípulos-missionários, educando pela Via do Coração e do Amor, apresentando a pessoa de Jesus e os valores cristãos como um caminho a ser seguido e assumido para a construção de um mundo melhor. A percepção das comunidades educativas que participaram desta avaliação enfatizam que as subdimensões (a saber: Missão Educativa Profética, Administração com os Critérios da Justiça do Reino, Partilha do Carisma com as(os) Leigas(os), Qualidade de Ensino e Comunicação) são muito vivenciadas no cotidiano, em sua maioria.

Tendo como referência as reflexões de Agenor Brighenti em sua obra *A Igreja Perplexa*, podemos fazer uma análise de nossa caminhada evangelizadora a partir de três eixos ou questionamentos:

1. A Missão, diante dos desafios educacionais, sociais e planetários.
2. A Identidade, sentimento de pertença ao Carisma.
3. A Renovação Institucional para sermos uma *Igreja em Saída*.

A partir das prioridades aqui elencadas, por meio das categorias que usamos para construir essa avaliação, vamos identificar o que estamos vivenciando nas nossas realidades, dentro dos parâmetros do muito vivenciado até o que não estamos

vivenciando de forma devida. Com isso, temos delineado o rosto da missão evangelizadora e educativa da Congregação de Santa Dorotéia do Brasil.

## 1. Da Missão Educativa Profética

*“Seja verdadeira missionária nessa casa e nesse País; pregue muito com o bom exemplo e pouco com a palavra...”*

Santa Paula Frassinetti, Carta 708,8.

Na dimensão da Missão Educativa Profética, respeitando os indicadores que delimitaram o nosso processo de avaliação do Plano Quinquenal de Educação 2013-2018, diagnosticamos como muito vivenciada a missão de educar pela Via do Coração e do Amor, correspondendo assim aos seguintes eixos norteadores:

- Vivência dos Valores evangélicos.
- Consciência e Responsabilidade social.
- Promoção da Formação integral.
- Presença Profética.
- Sinergia-Comunhão.
- Compromisso Pastoral.
- Mística do Educador.
- Via do Coração e do Amor.
- Acolhimento à Diversidade.

A percepção dos grupos que participaram da avaliação diagnóstica enfatizou que estas subdimensões são extremamente vivenciadas no nosso cotidiano, nos mais variados contextos. Quando estabelecemos uma interlocução dessas subdimensões com o Carisma, percebemos que, desde Paula Frassinetti “A educação para a vida inclui a formação integral dos educandos, mostrando-lhes a necessidade de conduzirem-se de acordo com a fé e a razão, despertando a consciência social, para assumirem, com olhar crítico, investido de dignidade, responsabilidade e esperança, rumo a uma sociedade justa.” (Const. 1851 – Cap. IV – Art. 12).

Para a nossa caminhada e prática cotidiana, somos desafiados neste diagnóstico a crescer ainda mais nos seguintes pontos:

- prática do ecumenismo, através do conhecimento de outras culturas e religiões, tendo consciência do nosso credo, porém abrindo espaços para outras manifestações religiosas que hoje partilham da mesma missão de Jesus Cristo: amar ao próximo como a si mesmo;

- que nossas escolas sejam espaços de acolhida da diversidade, tratando a todos com respeito e solidariedade, promovendo assim a alteridade e a cultura da comunhão;
- o resgate do sagrado no nosso dia a dia, valorizando e garantindo os espaços das celebrações, dos encontros, das partilhas;
- resgatar e valorizar o sentimento de identidade e pertença para todos que integram a Família Doroteia, propiciando os espaços de formação sistemática no Carisma e sua interlocução com os atuais desafios da sociedade e da educação;
- fomentar o protagonismo juvenil, com foco na espiritualidade e no serviço;
- viver cada vez mais ações que fortaleçam a nossa consciência e responsabilidade social, em perspectiva planetária e que nos corresponsabilizem com o cuidado com a *Casa Comum*;
- aprofundar a presença profética e o compromisso pastoral, tendo eventos mais significativos na apresentação dos nossos projetos sociais, espirituais, no ensejo de valorizar e propagar o nosso Carisma, nossa missão.

As interpelações que ecoam de nossas Comunidades Educativas atestam os desafios da convivência em uma sociedade líquida. Essa condição do nosso tempo foi definida por Zigmunt Bauman como a “incerteza biográfica”. Temos uma sociedade efêmera, líquida, oca. Quem mudará esse panorama? Como nadar contra a maré?

Há muito chão a ser percorrido, mas já temos um caminho traçado, trilhado e registrado. Somos convocados a seguir em frente, de um modo ousado, audacioso, assumindo assim a postura, de profetas, discípulos-missionários que *primeiream*. O processo de convencimento, atualização, comprometimento, envolvimento a vivência da proposta doroteana de educar para a transcendência é um desafio que nos é posto e que deve ser assumido de modo incansável pelas Irmãs e Leigos que fazem parte da Família de Paula. É falar como Isaías: “Eis que eu estou fazendo uma coisa nova” (Is 43,19), na construção do Reino de Deus, como Doroteia/Doroteu, evangelizando pela Via do Coração e do Amor, sendo presença profética na nossa missão educativa.

## 2. Da Administração com os Critérios da Justiça do Reino

*“Esteja tranquila e alegre no Senhor, que não permite o mal senão para dele tirar o bem. Deixemo-nos, portanto, governar pela sua Divina Providência. [...]”*

Santa Paula Frassinetti, Carta 429,7.

No que refere-se à Administração com os Critérios da Justiça do Reino, somos convidados a ser leais ao princípio fundacional da nossa razão de ser e existir como Congregação, isto é, empreender um Projeto Administrativo que esteja em sintonia com os Valores do Reino de Deus, tal como revelados nos Evangelhos. Nosso jeito de ser, de agir, de conduzir e de administrar deve testemunhar o compromisso com a justiça social e o combate cada vez mais veemente das desigualdades econômicas e sociais no mundo contemporâneo.

Quando nos deparamos com os dados do Diagnóstico da Dimensão Administrativa, atestamos a existência de uma gestão pautada nos Critérios da Justiça do Reino. Isso pode ser percebido nos avanços administrativos conquistados no último quinquênio (2013-2018) no que refere-se à transparência na gestão dos recursos, no esforço de implementação de ações voltadas para a práxis de uma Economia Solidária e no cuidado da *Casa Comum (Laudato Si)*.

Outro aspecto significativo desse diagnóstico refere-se ao fortalecimento da atuação administrativa em Rede. Quando há uma sinergia de propósitos administrativos entre as Unidades, podemos ser mais prospectivos em nosso Planejamento Estratégico e na garantia da sustentabilidade de nossas obras.

Nesse diagnóstico aparece com bastante relevo a importância do investimento na formação continuada dos educadores. O exercício diário de estudo, atualização e busca de conhecimentos, de modo sistemático e coletivo, é o elemento garantidor da excelência daqueles serviços que oferecemos em nossas Unidades. O fortalecimento da formação continuada corresponde aos novos desafios educacionais e imprime nos educadores um novo ritmo de atuação. Por isso, deve ser responsabilidade de todas as equipes gestoras das nossas unidades educacionais propiciar a formação continuada de forma sistemática, assim como o investimento nos recursos materiais que correspondam a uma prática de ensino atualizada e coerente com as novas demandas.

Além da atualização e manutenção da infraestrutura, faz-se necessária uma gestão patrimonial das nossas instalações, sobretudo, naquelas localidades onde os prédios são tombados pelo Patrimônio Histórico. Administrar com os critérios da Justiça do Reino supõe apresentar e implementar projetos que diminuam gastos, gerem receitas, promovam atualizações, manutenções, inovações e expansões.

A busca pela excelência na gestão administrativo-financeira não deverá ser de responsabilidade exclusiva do Setor Contábil-Financeiro, mas de todos que compõem a escola, consciência revelada e sugerida na maioria das nossas unidades. É fundamental potencializar o nosso capital humano para que todos sintam-se convidados para participar de uma gestão que pense de forma coletiva em corresponder às novas exigências trabalhistas, sempre de modo respeitoso e digno com todos que assumem conosco o fazer educacional nas nossas instituições.

A Equipe de Administração de cada unidade deve ter o cuidado de viver uma partilha fraterna, justa e ética, que esteja preocupada com o cenário financeiro do país, na ânsia de melhor servir. Somente assim atuaremos de forma mais significa-

tiva e prospectiva diante dos desafios da captação de novos alunos, fidelização e inadimplência. Dentro desse movimento de abertura, somos convidados para partilhar e analisar novas dinâmicas escolares, através das políticas de captação e fidelização, bem como (de acordo com a realidade de cada unidade) buscar parcerias e convênios institucionais, que favoreçam o aumento da nossa concessão de bolsas e descontos para alunos menos favorecidos, sem gerar ônus para as instituições. Essa ação filantrópica planejada, sistematizada, organizada colabora para que continuemos atuando em conformidade com a nova lei que rege a filantropia em estabelecimentos educacionais. (Lei nº 12 101/2009 e Decreto nº 7 237/2010), assim como suas atualizações.

Em um país com um imenso contingente de desempregados, a nossa integridade administrativa é uma exímia demonstração de valores íntegros e diferenciados, de uma instituição secular, que sempre teve como escopo a preocupação com o cumprimento dos direitos trabalhistas, em uma relação de profundo respeito com aqueles que colaboram e trabalham conosco.

Um elemento de prospecção dentro da realidade da Administração é estar atento às tendências do mercado, sem perder o horizonte da missão e valores do Carisma. Isto é, não podemos negligenciar o chamado “foco no cliente”. Assim, agir, planejar, integrar, elencar prioridades, realizar investimentos, buscar parcerias, profissionalizar a gestão e favorecer a ação social são referenciais que indicam que precisamos continuar nossa caminhada administrando nossas casas pautados na Justiça do Reino, com uma ação humana e justa, na construção contínua do Reino de Deus.

### 3. Da Partilha do Carisma com os(as) Leigos(as)

*“É o tempo oportuno para viver a nossa missão com os leigos, a partir da sua presença como parte integrante e originária da nossa identidade carismática, discernindo juntos a ação de Deus na história e o maior serviço do Reino. É o tempo oportuno para libertar a alegria de pertencer unicamente a Deus, única e verdadeira fonte da nossa felicidade”.*

Cap. Geral XXI, p.4.

A Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia da Frassinetti pode e deve orgulhar-se por proporcionar o desenvolvimento de pessoas, à luz do Carisma de Paula. Ser DOROTEIA/DOROTEU no mundo atual é ser discípulo(a)-missionário(a) de Jesus, na busca incansável da construção de uma sociedade justa e igualitária, com simplicidade e coragem, marcas indelévels de nossa fundadora.

Dentro dos nossos indicadores, percebemos um consenso em nossas Unidades

no que refere-se ao movimento de Partilha do Carisma com os Leigos. A vida e obra de Paula Frassinetti, expressa nos vários documentos e fontes da Congregação nos fala e nos ilumina em todas as conquistas e embates vivenciados no cotidiano da Escola Doroteia. Propagar e partilhar os conhecimentos sobre Paula e o seu Carisma é o que torna vigorosa cada uma de nossas Unidades. O testemunho evangélico-cristão das Irmãs e da grande Família de Paula é um sonho realizado por Deus, pois a nossa história revela o desejo ardente de nossa Madre “que o Santo Amor de Deus, nos invada e nos torne fachos ardentes.”

A vivência comunitária que partilhamos em nossas comunidades educativas e religiosas, nos projeta para viver a experiência da acolhida, do cuidado, da misericórdia, do perdão dos valores evangélicos propostos por Jesus. Paula apresenta-se no nosso cotidiano como modelo de mulher de fé, que nos inspira a seguir em frente, superando as dificuldades com os olhos fixos na bússola das Doroteias – o amor à vontade de Deus. O legado de Paula ultrapassou as distâncias e sua entrega radical e total à vontade de Deus, projeta-nos para continuar vivendo e compartilhando da sua espiritualidade, do seu Carisma, por meio da nossa formação como leigos e leigas.

A fidelidade e atualização do Carisma faz das Irmãs e Leigos membros de uma só e única família de Paula. A formação do Leigo no Carisma é a possibilidade de mergulho nas Intuições Pedagógicas de Paula, tornando-o Educador e Evangelizador pela Via do Coração e do Amor. A Missionariedade da Irmã e do Leigo Doroteano é uma herança da vida e santidade de Paula Frassinetti que fez-se toda para todos a fim de a todos ganhar para o Cristo.

Entre os nossos desafios dessa dimensão, destacamos a ação incansável de manter viva a filosofia, o Carisma e a mensagem de Paula, em um agir em rede, de modo integrado, como Família Doroteia. É muito importante a existência de uma formação do Leigo no Carisma, que seja sistemática e contínua em cada uma de nossas Unidades/Setores, tendo consciência do grande desafio que é a formação da Família Doroteia nesta vasta Província, tão diversificada.

Frente a esse cenário, algumas reflexões foram enfatizadas, dentro dos indicadores que devem ser analisados, pois merecem atenção e destaque no nosso cotidiano:

- definições do trabalho voluntário nas nossas comunidades educativas, sociais e de inserção;
- proposta de formação em nível nacional, dentro da experiência partilhada da Escola de Formação de Leigos;
- plano de estudo das cartas da Madre Fundadora, memórias da Congregação, contendo um plano orientador e indicador, de como estudar nossa história;
- pensar em uma proposta de formação em Educação e Espiritualidade Doroteana para as Famílias;
- cultivar e garantir a espiritualidade, dentro do nosso dia a dia, fomentando o espírito de identidade, pertença e partilha, todos devem ter como objetivo evangelizar-educar, educar-evangelizar;

Nesse sentido, foram apontadas como sugestões, para disseminar e fidelizar o Carisma doroteano:

- criação da Escola Nacional de Leigos;
- favorecer o intercâmbio de experiências entre os setores da Província Brasileira;
- Calendário Nacional de Formação;
- exercícios espirituais, para Educadores, Leigos e Famílias das obras educacionais e sociais;
- divulgação e articulação de parcerias, para continuidade do Projeto Frassinetti em nossas instituições;
- viagem a Itália, para peregrinar onde Paula nasceu e construiu nosso Instituto;
- viabilização e publicidade da nossa Espiritualidade seja como leigo(a), Irmã consagrada, discentes, docentes;
- incentivar e apoiar a Pastoral da Juventude Doroteana nas nossas instituições, como forma de dar espaço para o protagonismo dos jovens;
- garantir a formação das famílias de forma sistemática, dinamizando a Pastoral Familiar nas nossas instituições.

Essas sugestões, devem impulsionar-nos na busca de nossa expansão no mundo, como Família de Paula Frassinetti, que tem como finalidade evangelizar e anunciar a boa-nova. Dando continuidade à inserção do(a) leigo(a), de modo objetivo e prático, na história da nossa Igreja Católica, nessa ação/atução cooperativa, de sermos filhos e filhas de Deus, na construção e edificação de uma sociedade cristã e humana. Portanto, imbuídos do Carisma Doroteano, somos convocados a testemunhar uma nova óptica, vivida na valorização ética, potencializando e atualizando a educação e a espiritualidade doroteana.

## 4. Da Qualidade de Ensino

*“Não se descuidarão de cultivar-lhes a memória, fazendo-as aprender cuidadosamente, o que mais importa saber para o modo de proceder na vida e para ornamento da boa sociedade.”*

Const. 1851, Cap. IV, art.17.

Nosso jeito de educar (Evangelizar) remonta-nos à Paula Frassinetti e compele-nos sempre no dever da atualização e interlocução com as demandas do presente. Nossa excelência não é somente acadêmica, mas também humana e cristã.

No diagnóstico sobre a Qualidade de Ensino, nosso desempenho é reconheci-

do, como muito vivenciado, ressaltando-se, que é sempre necessário buscar aliar o desempenho acadêmico de excelência, com os resultados obtidos pelos nossos discentes. O vínculo de nossa ação educativa com o Carisma compele-nos no dever de promover um ensino de qualidade, formando de modo integral as crianças e jovens para o pensamento crítico e criativo.

Entendemos essa prática como o cuidado e a defesa da vida em todas as suas dimensões no cuidado de si, do outro, da natureza e da sociedade. Cabe ao educador doroteano o esmero em sua formação continuada, bem como a assimilação de novas metodologias de ensino em consonância com o espírito dos novos tempos. Isso não o exime de uma postura crítica e ética face à cultura digital e aos “modismos” educacionais oferecidos pelo mercado.

Um avanço sinalizado pelo diagnóstico é o investimento na formação das crianças e jovens para a cidadania e responsabilidade socioambiental (o cuidado da *Casa Comum*), com ênfase na efetiva política de sustentabilidade e consciência planetária.

Existem desafios a serem enfrentados em nossa caminhada no que refere-se à Qualidade do Ensino. Nesse contexto, foram apresentadas como mais importantes:

- priorizar, na formação das crianças e jovens, ações que possibilitem a eles a construção de seu Projeto de Vida, com foco na autonomia, criticidade, solidariedade, equilíbrio e realização de suas potencialidades;
- fomentar entre os educadores o desenvolvimento de metodologias colaborativas e atualizadas, que favoreçam a interlocução e a proximidade com o mundo em que vivem as crianças e os jovens deste nosso tempo;
- firmar na Escola Doroteia, com os integrantes da Comunidade Educativa, o compromisso com a aprendizagem em todos os âmbitos, viabilizada pela implementação da educação integral, com foco na aprendizagem colaborativa, garantido o protagonismo do estudante e o seu interesse pelo conhecimento e a pesquisa;
- garantir, na Escola Doroteia, o Espírito de Família, gerador de empatia e respeito nas relações interpessoais e na acolhida do diferente no exercício da alteridade;
- atentar para as normativas referentes à BNCC, tendo discernimento na definição dos itinerários formativos (no que refere-se ao Ensino Médio) a serem assumidos em cada uma de nossas Unidades;
- assegurar a existência de um currículo evangelizador, pautado na centralidade da Pessoa de Jesus e dos valores do Reino de Deus;
- fazer da inclusão um diferencial educativo e evangelizador em nossas Unidades.

## 5. Da Comunicação

*“Mostre-se toda coração, o que por certo contribuirá para consolidar e aumentar cada vez mais a bela união, concórdia e caridade que nos deve distinguir.”*

Santa Paula Frassinetti, Carta 509,3.

Tendo como referência a Pessoa de Jesus no anúncio da Boa-Nova, a Comunicação se nos apresenta como instrumento de Evangelização e Libertação das pessoas.

A comunicação interna e externa deve ser realizada para a efetiva cultura do encontro e da comunhão de propósitos na Missão. A educação evangelizadora em uma Escola Doroteia assume o compromisso de construir um mundo de comunhão e entende que hoje isso passa, também, pelo uso das tecnologias de comunicação e informação, construindo novas possibilidades interativas que expressam a dinamicidade e a atualidade de nossa prática educativa.

No que refere-se à dimensão da Comunicação, podemos atestar muitos avanços na linha do *marketing* institucional, buscando propagar e disseminar nossa identidade, valores e compromisso com uma educação de excelência. Ainda são muitos os desafios a serem superados. Entre as necessidades registradas temos:

- promover o intercâmbio entre as escolas doroteanas;
- viabilizar uma cultura de comunicação interna;
- investir no *marketing* institucional;
- dar visibilidade à Proposta Pedagógica e Evangelizadora de nossas Unidades através de ferramentas e tecnologias de comunicação;
- oferecer suporte digital para nossas instituições;
- aprimorar e garantir em cada Unidade espaços de escuta, através da acolhida e do diálogo;
- ser presença ética em diferentes plataformas digitais;
- atualizar de modo permanente as linguagens e ferramentas de comunicação.

O desafio desta dimensão, contudo, liga-se à banalização da verdade publicada nas redes sociais sob a forma de *Fake News*.

## 1. Da Missão Educativa e Profética

- Assumir o compromisso eclesial de ser uma *Escola em Saída*, implementando Projetos de Missionariedade, confirmando a fidelidade da nossa missão educativa na centralidade da pessoa de Jesus e na opção pelos valores do Reino.
- Assegurar a continuidade de Projetos de Educação na perspectiva inclusiva com a valorização dos direitos humanos, a consciência e responsabilidade social e a mística da espiritualidade ecológica.

## 2. Da Administração com os Critérios do Reino

- Fortalecer as equipes, através do exercício da gestão participativa, robustecendo a nossa atuação em rede, com a finalidade de desenvolver Projetos e Ações que assegurem a sustentabilidade de cada unidade, com ênfase no cuidado da *Casa Comum* e na Economia Solidária, estabelecendo parcerias e reafirmando a opção preferencial pelos pobres.
- Elaborar planos de formação continuada para os educadores e implementá-los através de Cursos, Seminários, Grupos de Estudo, Retiros, visando aprimorar a competência técnica, humana, cristã e pedagógica das equipes, favorecendo o surgimento de lideranças à luz de abordagens teórico-metodológicas condizentes com a ética cristã.

## 3. Partilha do Carisma com os Leigos

- Dar continuidade à formação sistemática do Leigo no Carisma, na Filosofia e na Espiritualidade de Paula Frassinetti, intensificando o sentimento de pertença como marco da identidade doroteana.
- Institucionalizar Projetos Sociais em cada Unidade para a práxis da missionariedade, da *Igreja/Escola em Saída*, despertando o voluntariado, a responsabilidade social e o exercício da solidariedade.

## 4. Qualidade de Ensino

- Construir um itinerário pedagógico-pastoral que estabeleça o equilíbrio entre os níveis de excelência humana, cristã e acadêmica, com vistas ao Projeto de Vida das crianças, adolescentes, jovens, adultos e famílias.

- Criar uma assessoria pedagógica para orientar e fomentar a formação continuada com foco pedagógico-pastoral e tecnológico, garantindo a inovação e fidelidade criativa do processo de ensino-aprendizagem.
- Estabelecer uma interlocução com as Pedagogias Contemporâneas e as Metodologias Inovadoras (Sistema Bilíngue, Competências Socioemocionais, Ensino Híbrido, Robótica, Educação Financeira, Empreendedorismo, Metodologias Ativas, Cultura *Maker*, Aprendizagem Colaborativa, Uso das Tecnologias Digitais, Autoria, Incentivo à Pesquisa e outros...).
- Garantir no fazer pedagógico a prática da interdisciplinaridade através de Projetos, valorizando a pesquisa, a iniciação científica, a experimentação, tendo como eixo a utopia da construção de um mundo mais ecológico, sustentável e viável.
- Criar e desenvolver teias de conhecimento entre os educadores doroteanos, partilhando saberes e experiências, visando o aprimoramento pedagógico das nossas instituições e fortalecendo a identidade da educação doroteana.

## 5. Comunicação

- Criar uma cultura de *marketing* institucional que potencialize nossa marca como Grupo Doroteias, dando visibilidade à Missão, legitimando nossa presença nas redes digitais de comunicação.
- Fortalecer iniciativas de Protagonismo Juvenil, criando espaços de escuta e incentivo à participação de todos.
- Criar instrumentos e meios de comunicação que possibilitem a efetiva integração e o intercâmbio de informações e práticas entre as Instituições Doroteanas.
- Constituir um Setor de Comunicação nas Instituições que assuma a Política de *Marketing*, destaque o padrão de qualidade do Grupo Doroteias e favoreça sua divulgação e reconhecimento, considerando a coerência com os princípios da Educação Evangélico-Libertadora.



# Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017.

BEZERRA, Benilton. *A subjetividade humana na sociedade de indivíduos*. IHU - on-line. São Leopoldo: 25 de maio de 2007. Disponível em: <[www.unisinos.br/ihu/index.php](http://www.unisinos.br/ihu/index.php)>. Acesso em: 22 abr. 2005.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulinas, 1990.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

CELAM. Vão e Ensinem. *Identidade e Missão da Escola Católica na Mudança de Época à Luz de Aparecida*. São Paulo: SM, 2011.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CNBB - DOCUMENTO n.40. Igreja: Comunhão e Missão na Evangelização dos Povos, no Mundo do Trabalho, da Política e da Cultura. Indaiatuba: 1988.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *A escola no limiar do novo milênio*. Vaticano: Tipografia Poliglota Vaticana, 1997, n. 9 e n. 16.

\_\_\_\_\_. *Dimensão religiosa da educação na escola católica*. Vaticano: Tipografia Poliglota Vaticana. 1998, n. 6 e n. 25.

\_\_\_\_\_. *Educar Hoje e Amanhã: uma paixão que se renova*. Roma: 2014. Capítulo I e II.

\_\_\_\_\_. *Educar para o diálogo na Escola Católica*. Roma: 28 de outubro de 2013, n. 61 e n. 63.

\_\_\_\_\_. *Educar para o Humanismo Solidário*. Roma: 6 de abril de 2017.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE SANTA DOROTÉIA DA FRASSINETTI. *XXI Capítulo Geral da Congregação das Irmãs Dorotéias da Frassinetti*. Roma: 7 de outubro a 13 de novembro de 2015.

\_\_\_\_\_. *Cartas escritas por Paula Frassinetti*. Volumes 1 e 2. Lisboa: Província Portuguesa Sul, 1987.

\_\_\_\_\_. *Constituições da Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia da Frassinetti, aprovadas em 1981 e atualizadas em 1986*. Lisboa: Província Portuguesa Sul, 2000.

\_\_\_\_\_. *Constituições e Regras do Instituto das Irmãs de Santa Dorotéia 1851*. Província Portuguesa Sul, 2000.

\_\_\_\_\_. *Documento de Espiritualidade*. Irmãs Dorotéias da Frassinetti. 2.ed. Belo Horizonte: Colégio Santa Dorotéia de Belo Horizonte, 2016.

\_\_\_\_\_. *Documento Educar para nós*. Belo Horizonte: Colégio Santa Dorotéia de Belo Horizonte, 2011.

- \_\_\_\_\_. *Plano Interprovincial de Educação 1999-2001*. Dorotéias do Brasil. Recife: 1999.
- \_\_\_\_\_. *Plano Interprovincial de Educação 2003-2005*. Dorotéias do Brasil. Recife: 2003.
- \_\_\_\_\_. *Plano Interprovincial de Educação Doroteia 2008-2012* — Texto-base. Doroteias do Brasil. São Luís: 2008.
- \_\_\_\_\_. *Plano Interprovincial de Educação 2013-2018*. Doroteias do Brasil. Belo Horizonte: Colégio Santa Dorotéia de Belo Horizonte, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Plano Provincial de Educação 2011-2016*. Província Brasil-Sul. Belo Horizonte: Colégio Santa Dorotéia de Belo Horizonte, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Raízes da Nossa Missão Educativa: Paula ontem, Paula hoje. Questões e Interpelações* — Comissão Interprovincial de Educação. Doroteias do Brasil. Canoas: La Salle, 2000.
- COSTA, Jurandir Freire. Narcisismo em tempos sombrios. In BIRMAN, Joel (org.). *Percursos na História da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Taurus, 1988. p. 151-174.
- DELORS, Jacques. *A educação para o século XXI*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe 13 a 31 de maio de 2007.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Vaticano: 2013.
- \_\_\_\_\_. *Carta Encíclica Laudato Si*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- GIFTED, Alaze Gabriel. *A precarização do trabalho no Brasil*. E-book, 2016.
- IANNI, Otavio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- KATZ G. e COSTA G. *O adolescente e a família moderna*. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 30, n. 2, p. 329-340, 1996.
- LIBANIO, João Batista. *Para onde vai a juventude? Reflexões pastorais*. São Paulo: Paulus, 2011.
- \_\_\_\_\_. *50 anos do Concílio Vaticano II*. Artigo publicado In *Revista Horizonte*: PUC Minas, 23 fev. 2012.
- \_\_\_\_\_. *Concílio Vaticano II. Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. Globalização comunicacional e transformação cultural. In MORAES, Dênis de (org.). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 57-86.
- MATURAMA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 3.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2001.

SOMMARIVA, Irmã Teresa; MASYN, Irmã Marguerite. *Memórias acerca da venerável Serva de Deus Paula Frassinetti e do Instituto por ela fundado*. Tradução de Irmã Maria Casimira Almeida Marques. Lisboa: Província Portuguesa Sul, 1998.

PASSARELLI, Gaetano. *Santa Paula Frassinetti – Pela via do coração e do amor*. Roma: Editrice Velar, 2012.

PETRINI, Giancarlo. Políticas sociais dirigidas à família. In: BORGES, Ângela; CASTRO, Mary Garcia (Orgs.) *Família, gênero e gerações: desafios para as políticas sociais*. São Paulo: Paulinas, 2007. v. 2, p. 207-231.

PNUD/2010; Desenvolvimento Humano e IDH. Disponível em: <[http://www.br.undp.org/content/dam/brazil/docs/RelatoriosDesenvolvimento/undp-br-PNUD\\_HDR\\_2010.pdf](http://www.br.undp.org/content/dam/brazil/docs/RelatoriosDesenvolvimento/undp-br-PNUD_HDR_2010.pdf)>. Acesso em: 22 jan. 2019.

PNUD/2016; Relatório de Desenvolvimento Humano. Disponível em: <<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/presscenter/articles/2017/03/21/relat-rio-do-pnud-destaca-grupos-sociais-que-n-o-se-beneficiam-do-desenvolvimento-humano.html>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

ROSSETO, Rosa. *Santa Paula Frassinetti “... na ponta dos pés”*. São Paulo: Paulinas, 2004.

© Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia da Frassinetti, 2019

© Colégio Santa Dorotéia de Belo Horizonte

#### Organização

Jean Sidcley Álvares Teixeira  
(Colégio Santa Dorotéia de Belo Horizonte)

#### Revisão

Lúcia Nicodemo

#### Editoração e Capa

Depto. Informática e Novas Tecnologias  
(Colégio Santa Dorotéia de Belo Horizonte)

#### Impressão

Halt Gráfica

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P712

Plano provincial de educação 2020-2024 / [organização Jean Sidcley Álvares Teixeira]. – 1.ed. – Colégio Santa Dorotéia de Belo Horizonte, 2019.  
58p.

Obra produzida pela Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia da Frassinetti.

1. Educação. 2. Valores. 3. Frassinetti, Paula, Santa, 1809-1882.  
I. Título. II. Teixeira, Jean Sidcley Álvares. IV. Colégio Santa Dorotéia de Belo Horizonte.

CDD: 278

Ficha catalográfica elaborada por Paulo Guilherme Peixoto CRB/6 - 3004

Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia – Província Brasileira

Casa Provincial

Rua da Soledade, 1, Boa Vista

50070-040 Recife/PE



Congregação de Santa Dorotéia do Brasil

A educação evangelizadora supõe fazê-la sem sermos presunçosos, impondo as “nossas verdades”, mas guiados pela certeza humilde e feliz de quem foi encontrado, alcançado e transformado pela Verdade que é Cristo.

O nosso frássino está disposto em figuras geométricas, que nos remontam às Portas de Acesso ao Carisma neste mundo plural: “Chamei-vos amigos!” (Jo 15,15). Adentrar cada uma destas portas é fazer a experiência da “força transformadora do encontro, onde reencontramos a nossa história, a nossa identidade e o nosso jeito de dar vida”

(Cap. Geral XXI, p. 5)

Da copa do frássino, vê-se fachos de luz que se expandem de um sol generoso que não economiza em doar de si para que o mundo clareie. Esta é a razão de ser da Vocação da Irmã e do Leigo nesta Congregação: ser com e para o outro “facho ardente”. Esta luz conclama os educadores e as educadoras: “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo!”

(Papa Francisco)

A capa vem em tons de marrom, significando a terra da nossa missão: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada, por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças.”

(*Evangelii Gaudium*, Papa Francisco)

Queremos ser boa notícia do Evangelho para além de nossos muros: “abrir o coração àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais (...), curar suas feridas, aliviá-las com o óleo da consolação, enfaixá-las com a misericórdia e tratá-las com a solidariedade e a atenção devidas”.

(Papa Francisco)

Em sintonia com o Capítulo Geral XXI, podemos afirmar que este “É o tempo oportuno para que o Deus que nos chama ao impossível realize a sua Obra através de nós.”

(Doc. Cap. Geral p. 4)



Congregação de Santa Dorotéia do Brasil